



Cristóvão Cunha Simões da Mota

Espaços de Sociabilidade:

A música como ferramenta de identidade dos imigrantes brasileiros.

Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural

Julho/2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

A Música como ferramenta de identidade dos imigrantes brasileiros

Dissertação apresentada à Universidade de Coimbra para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social e Cultural, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Fernando Florêncio (Universidade de Coimbra).

Cristóvão Cunha Simões da Mota
2016

*Tu sabes como é grande o mundo.
Conheces os navios que levam petróleo e livros, carne e algodão.
Viste as diferentes cores dos homens,
as diferentes dores dos homens,
sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso
num só peito de homem... sem que ele estale.*
Carlos Drummond de Andrade, Mundo Grande

*Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.
Eu sou eu mesmo a minha pátria.
A pátria
de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
nasci.*
Jorge de Sena. Poesia III, Moraes Editores, Lisboa, 1978

Agradecimentos

“A nossa turma é toda de valor.”

Antônio Tavernard

Aos meus pais e toda a minha família, em especial a Simões, por terem sido essa teia social e emocional que me faz ir adiante.

Aos professores de todas as escolas e da Universidade Federal do Pará que colaboraram para que eu chegasse até a Universidade de Coimbra. Aos professores do Mestrado em Antropologia Social e Cultural por terem proporcionado os conhecimentos que edificaram a construção desta dissertação, principalmente ao professor e orientador Doutor Fernando Florêncio, pelos ensinamentos, exemplo de vida-trabalho e paciência. Aos colegas da Universidade de Coimbra ou do mundo que trouxeram um pouco dos seus mundos para contribuir com a minha visão e pensamento.

Ao Serviço de Ação Social da UC por todo o apoio oferecido, especialmente ao pessoal dos Alojamentos, bolsa de estudos (DGES) e das bolsas de trabalho (PASEP) que muito ajudaram a ter recursos para continuar o curso, em especial onde trabalhei: Serviços Académicos, Saídas Profissionais, Cantinas Azuis e Sanduíche Bar.

Também contribuíram com bibliografia e envio de dados para este trabalho as Doutoradas: Helena Galante (Serviços Académicos), Elsa Lechner (CES), Diretoria do SEF, Cristina Valentim e Isabel Santos (Faculdade de letras).

Aos amigos de alma da Residência João Jacinto (B), em especial os portugueses José Vieira (O Saramago), Frederico Carvalho (Doutor Minino), Luís Carvalho (Menino Brother), João Reis (Fera Jurídico), (Chef) Pedro Lopes, Gabriel Pereira e também Elton Saizane (Moçambique), Idir (Argélia), Mitchell Ewald (EUA), Jeremiah Kabayo (Uganda), Yuto Tachi (Japão) e todos que conviveram comigo.

Aos que contribuíram com conversas e entrevistas: Adriana Moro, Anna Medrado, Alexandre Pinto, Boaventura Monjane, Celso Meireles, Dona Rosa, Esperança Peixoto, Fernando Turchetto, Hélio Santana, Hugo Cunha, Jamerson Moura, Janina Suarez Pizónn, João Machado, Leonardo (Like) Oliveira, Luciano Junior, Ludmila Correia e Valéria Brandão.

Aos companheiros de grupos musicais Erich Galvão, Diego Balbino, Pedro Lopes, Pedro Martins e Paulo Silva.

Resumo

O contexto que a visão deste trabalho habita é o da modernidade líquida e do capitalismo tardio, que proporciona através do desencaixe das instituições, da grande flexibilização de algumas fronteiras, as atividades de trabalho descoladas de um local, o sistema monetário internacionalizado, cursos académicos que aceitam pessoas do mundo todo, a possibilidade do cidadão ser um indivíduo do mundo. Com estas características somadas ao percurso histórico que liga Portugal e Brasil, o prestígio que a Universidade de Coimbra tem em Portugal e vários países, que (por isso) atrai uma grande quantidade de estudantes e imigrantes, temos um campo de entrecruzamento nacional e internacional de pessoas. Este trabalho pretende fazer uma análise dos espaços de sociabilidade por onde circula a música brasileira voltada para os imigrantes brasileiros, mas também a todas as nacionalidades que apreciam este universo sonoro. É através destes pontos de observação e análise, espalhados pela cidade de Coimbra, que é voltada uma atenção especial para as ferramentas de sociabilidade, inicialmente pelo entretenimento, construção de laços sociais, encontros e/ou choques culturais, (re)construção de identidade e inerentes conflitos. Vale ressaltar que o trabalho é uma composição de alguém que é músico, antropólogo, imigrante, brasileiro da Amazônia e cidadão português.

Palavras-chave: Antropologia da música; Migração; Identidade; Música Brasileira

Abstract

The context of this work lives is the liquid modernity and of late capitalism, which provides through the undocking of the institutions, the great flexibility of some borders, detached work activities from one location, the internationalized monetary system, academic courses that accept people worldwide, the ability of the citizen to be an individual in the world. With these features added to the historic route linking Portugal and Brazil, the prestige that the University of Coimbra has in Portugal and various countries, (so) attracts a lot of students and immigrants, we have a national and international crisscross field people. This paper aims to analyze the social areas where by circulates Brazilian music geared for Brazilian immigrants, but also to all nationalities who enjoy this sonic universe. It is abeam of these points of observation and analysis throughout the city of Coimbra, which is directed special attention to the sociability tools, initially for entertainment, building social ties, meetings and / or cultural shocks, (re) construction of identity and inherent conflict. It is worth mentioning that the work is a composition of someone who is a musician, anthropologist, immigrant, Amazon Brazilian and Portuguese citizen.

Keywords: Anthropology of the music; Migration; Identity; Brazilian music

Sumário

Agradecimentos	IV
Resumo e Palavras-chave	V
Abstract and keywords	VI
Sumário	VII
INTRODUÇÃO	I
1. Quem faz o samba: o pandeiro ou o sambista?	3
2. Motivação e justificativa	3
I NOSSO CONTEXTO	4
1.1 Modernidade e Globalização	4
1.2 Mobilidade, Transnacionalismo e (E & I) Migração	6
2 IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL	7
2.1 Alguns dados sobre imigração brasileira em Portugal	7
2.2 A cidade de Coimbra	9
2.3 A Universidade de Coimbra	12
2.4 Ambientes sonoros: Convívios académicos, jantares e festas	15
3 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE	18
3.1 Metodologia e ferramentas de captação	18
3.2 O(s) Campo(s): Festas Brasileiras	21
3.3.1 Feijoadas no RS Bar	24
3.3.2 Os sambas no Campo de Santa Cruz	26
3.3.3 Banda Orango Samba	27
3.3.4 Os forrós do Centro Cultural Dom Dinis	30
3.3.5 O Grupo Samba Sem Fronteiras	31
4. POR UMA ANTROPOLOGIA DA MÚSICA	33
4.1 A música na Antropologia	33
4.2 Música Brasileira	34
4.3 A música que chega aqui	36
4.4 O Músico e o Mercado	38
4.5 A dialética do Gosto musical	40

5. LUSOFONIAS (ou SOTAQUES)	43
5.1 A Língua Portuguesa	43
5.2 Sotaque(s) Brasileiro(s)	44
5.3 Português com sotaque brasileiro	45
6. A ARTE DO (des)ENCONTRO	47
6.1 Brasileiros e o Mundo: A dança como ferramenta de inclusão	47
6.2 Entre brasileiros e portugueses	49
6.3 A Questão da Mulher Brasileira	52
6.4. Entre os brasileiros	55
7. O QUE É O BRASIL DENTRO DE PORTUGAL?	56
7.1. Comunidade e Nação	57
7.2. O que é um brasileiro?	60
7.3 Identidade(S)	62
8. INVASÃO BRASILEIRA	64
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
Dados dos Interlocutores/Entrevistados	77
ROTEIROS UTILIZADOS NAS ENTREVISTAS	78

INTRODUÇÃO

*O sol da manhã rasga o céu da Amazônia
eu olho Belém da janela do hotel
as aves que passam fazendo uma zona
mostrando pra mim que a Amazônia sou eu
Que tudo é muito lindo
É branco, é negro, é índio
Nilson Chaves, Olhando Belém*

Este trabalho é voltado para a imigração brasileira e suas respectivas ferramentas de identidade, tendo como principal campo de observação os espaços de sociabilidade. A principal ferramenta diz respeito ao universo da música e tudo o que faz parte dela ou é seu desdobramento. Seguem as temáticas básicas de cada capítulo, através destes parágrafos.

Começo com uma explanação de fazer uma breve apresentação sobre quem escreve o trabalho, pois tanto o observador, quanto a motivação para escolher o tema, o objeto de trabalho e as influências, são questões importantes de serem postas de forma a dar transparência e um melhor entendimento sobre os rumos da pesquisa.

Como de costume, é feito uma contextualização sobre as questões que influenciam diretamente a realidade do campo, do observador e dos observados. Os temas pertinentes à antropologia que discutem as questões do mundo moderno e da globalização, através de suas especificidades, assim como as teorias e teóricos que tratam do tema. Os fluxos globais de pessoas e bens no ambiente internacionalizado é tratado para poder termos um recorte mais específico.

A imigração brasileira em Portugal é escolhida, não só por questão de afinidade criada através da convivência com a questão, mas principalmente depois de observado e sentido um certo espanto com a grande presença brasileira em Coimbra. Essa sensação, tanto de quem escreve quanto de inúmeras pessoas com quem foram mantidas conversas é que leva à pesquisa e não o contrário. Ao escolher um tema para a pesquisa, este revelou ser relevante e que eu pudesse dar conta de tratar de forma mais apurada do que se tivesse escolhido outros não familiarizados, pertencentes à um ambiente que havia acabado de chegar.

Seguindo o fluxo dos imigrantes, percebi a tônica da circulação da música brasileira e eventos voltados a festas brasileiras. Foi nestes espaços de sociabilidade que percebi que poderiam ser um interessante campo de pesquisa para detetar associações e questões de identidade.

Para dar conta de tratar de um tema nem tanto abordado na antropologia como a música, senti necessidade de pesquisar e construir ferramentas teóricas que pudessem auxiliar na melhor observação, audição e compreensão da música. São tratados alguns conceitos básicos de antropologia da música, musicologia e etnomusicologia.

Basicamente tanto a música, quanto conversas e entrevistas, são possíveis graças ao uso da língua portuguesa, através das entrevistas com interlocutores do Brasil, de Portugal, Angola, Moçambique e demais países que tem esta língua oficial. Até em comunicação com os falantes do espanhol podemos assumir uma linguagem híbrida de entendimento, o famoso não-oficial *portunhol*. Não somente a língua, mas também seus sotaques e suas referências identitárias foram importantes neste capítulo.

Nos ambientes de sociabilidade, nas festas, é natural o contato e comunicação entre pessoas, que pode ser visto como positivo, na criação de amizades, ou negativo, com os já esperados preconceitos e xenofobias. Fica o destaque para a questão da dança como ferramenta de inclusão e o incômodo tema do *estigma* que sofrem as mulheres brasileiras.

Com a lente mais focada, chegamos ao ponto da criação de um pequeno Brasil dentro de Portugal, através da criação e filiação a grupos e comunidades de brasileiros. Dentro deste pequeno universo, chegamos a uma nacionalidade específica, a dos brasileiros, com suas formas de representações.

No penúltimo capítulo trato de forma crítica da constatação de uma espécie de “invasão brasileira”, que pode ser vista para alguns de forma agradável, mas também na opinião de outros como desproporcional para a cidade.

Tentei compor o texto de uma forma que pudesse focar os temas como se fosse uma lente de aumento, partindo de um conceito mais amplo para, gradativamente, focar uma subdivisão: O mundo moderno, as migrações internacionais, as do Brasil para Portugal, chegando em Coimbra, a importância da Universidade, dentro das festas de estudantes, ao ouvir a música, o contato entre várias nacionalidades, os portugueses e os brasileiros, o Brasil e a identidade.

Atentem que uso as formas gramaticais usadas em Portugal, mas as entrevistas contam com a grafia voltada para a escuta da pronúncia dos interlocutores.

1. Quem faz o samba: o pandeiro ou o sambista?

Uma das primeiras considerações que temos que ter em mente em um trabalho como este (nas ciências humanas) é que o observador é parte integrante do objeto de estudo, pois tudo o que é escrito acaba sendo um recorte da visão de uma mente humana em particular, sendo influenciado por suas motivações, gostos construídos, defeitos e, que mesmo sob orientação profissional, já faziam ou acabam por fazer parte de quem escreve. Este facto foi bem representado por François Laplatine (2003): “Aquilo que o pesquisador vive, em sua relação com seus interlocutores (o que reprime ou sublima, o que detesta ou gosta), é parte integrante de sua pesquisa”. Não se trata de escrever sobre questões pessoais, mas fornecer informações que possam levar a uma melhor compreensão do trabalho, as motivações, escolhas e objetivos.

Sendo assim, vamos a um breve parágrafo onde vos digo que nasci no Brasil, na região Amazônica, no Estado do Pará, mais precisamente em uma metrópole com mais ou menos dois milhões de habitantes, a cidade de Belém (sim, uma metrópole no meio da floresta). Lá cursei Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, na Universidade Federal do Pará, enquanto exercia a atividade de músico (baixista) em bandas de música internacional, brasileira e paraense, de cover e de originais (autoral). Decidi ir morar em Portugal, quando da aprovação no Mestrado em Antropologia na Universidade de Coimbra, pela facilidade de já ser cidadão português e pela curiosidade de ir ao encontro da chamada “raiz portuguesa” da família.

Dito isto seguimos com o entendimento que é impensável dissociar o resultado de quem observa e do que é observado, pois são fatores que dão sentido à equação, pois somos sujeitos observando outros sujeitos, com toda a influência das subjetividades somadas. Também vale destacar que, em uma pesquisa voltada para este contexto, o comportamento do grupo ou dos sujeitos pode ter alguma mudança frente a revelação da nossa presença enquanto pesquisador (Laplatine, 2003).

2. Motivação e justificativa

Surgiu então a vontade de unir os conhecimentos adquiridos nos estudos de Antropologia e no trabalho musical, de forma a construir ferramentas de observação e análise que possam contribuir basicamente com uma linha de estudos pouco abordada na academia e que versa sobre algo que permeia todas as sociedades: a música. De uma forma mais ampla, entendo que a prática musical (Chada, 2007) é capaz de gerar estruturas que vão além de seus aspetos meramente físico-sonoros, pois fazem parte e são consequência de todo um processo de significado social, onde a execução seria

uma maneira de viver experiências em um grupo, com diferentes elementos: actores, participantes, interpretações, comunicação corporal, elementos acústicos, texto e significados diversos.

Não vejam este direcionamento de estudos apenas como uma motivação de cunho pessoal, mas sim também de tentar perceber melhor alguns aspetos e questões que talvez só sejam compreendidos através da associação entre o olhar musical e a audição antropológica. A afinidade, algum conhecimento prévio e prático sobre problemáticas relacionadas ao tema pode conferir questionamentos pertinentes, entretanto há o dever de não se deixar levar por questões de gosto pessoal que façam a pesquisa desafinar ou sair do ritmo.

A escolha de um escopo dentro do tema, que é a prática musical, surgiu ao longo da vivência em Portugal, mais fortemente na cidade de Coimbra, entre infinitas outras possibilidades de pesquisa, dentre elas o simbolismo do Fado e Canção de Coimbra enquanto expressão musical local, a forte presença da música angolana nos vários ambientes e a forma como os ranchos folclóricos não são partilhados pelos jovens que vejo na cidade. Sem dúvidas o que me chamou mais a atenção foi não só a presença da música brasileira em quase todos os ambientes espalhados pela cidade, porém mais especificamente a presença de festas com a temática da música brasileira, voltada não só para brasileiros, mas também para todas as nacionalidades simpatizantes.

1 NOSSO CONTEXTO

*O mundo é pequeno pra caramba
Tem alemão, italiano, italiana
O mundo filé milanesa
Tem coreano, japonês, japonesa*

Paulinho Moska, O Mundo

1.1 Modernidade e Globalização

O tempo e espaço do qual pertence esta pesquisa é um ótimo exemplo do que Zygmunt Bauman retratou em *Modernidade Líquida*, pois uma das características desta era moderna é o que ele chama de fluidez, liquidez, ou leveza, também chamada era da instantaneidade. O mundo das sociedades capitalistas e altamente industrializadas fornece meios tecnológicos e de mobilidade para os cidadãos fluírem pelos países, seja a trabalho, estudo ou a passeio, contanto que tenham meios financeiros e permissão para entrada. Conta ainda com a ideia de um sistema que não limite a

liberdade individual, em prol de uma maior flexibilidade, liberalização, tanto do sistema económico quanto da vida social. Assim sendo, escrevo de um espaço urbano que recebe muitas pessoas de diversos continentes e países em busca de vários objetivos: trabalho, um meio de vida diferente, um curso académico ou quem sabe uma aventura.

Aquele sistema capitalista sólido, pesado e da máquina burocrática do qual Weber falou, que prendia as pessoas a uma cidade natal, um emprego fixo, um espaço próximo à família, dentro de um círculo social circunscrito aos limites do país, para a construção de uma vida sedentária, deu lugar a um sistema capitalista leve, porém mais forte, onde as corporações, fluxos financeiros e pessoas podem transitar entre as fronteiras com pouco peso, uma mala, alguns documentos e um computador portátil. O resto, as coisas pesadas, compra-se quando chegar ao destino.

Estas instituições modernas, devido ao seu dinamismo, interferem nos hábitos e costumes tradicionais, alterando radicalmente a natureza da vida social cotidiana, afetando os aspetos mais pessoais da nossa existência. Este derretimento das amarras das instituições acelera o processo de individualização e emancipação da sociedade, onde o indivíduo, livre das instituições antigas, torna-se mais importante que o cidadão, aquele onde o seu bem estar está ligado ao bem estar da cidade. Temos então um indivíduo pronto para viver as experiências em outro país, em outra cidade, levando consigo apenas um conceito instável de identidade que estaria ligada ao consumo (Giddens, 2002; Bauman, 2001).

A modernidade tardia, com seus cada vez mais *sistemas especializados* e através de suas *fichas simbólicas*, promove ao indivíduo uma nova concepção: ele agora pode ser o tão sonhado estilo de vida de um cidadão do mundo. Através de uma formação específica que pode fluir e ter uma correspondência em qualquer país que o aceite e ter seus rendimentos calculadamente cambiáveis em qualquer moeda do país alvo, a vida em qualquer país pode ser possível. Assim o desencaixe da sua terra natal, o descolamento das relações sociais e familiares e do contexto local, pode ser pensada e rearticulada em termos mundiais, através de uma viagem de algumas horas e vários quilómetros (Giddens, 2002).

Muito provavelmente o expoente máximo deste processo de liquefação e desencaixe da modernidade são as chamadas cidades globais, onde redes de comunicação e transporte possibilitam o fluxo de incontáveis indivíduos, de inúmeros destinos e origens, participarem de uma vivência em um aglomerado urbano em comum. Estes espaços urbanos são plataformas de recebimento e acolhimento de pessoas para desenvolver uma atividade profissional ou artística, um curso superior ou estágio, a participação em um congresso, um festival de música ou até um passeio com a família.

Reforça-se aqui a ideia de cidadão cosmopolita, mesmo que viva na cidade que nasceu, mas pode já ter viajado por todos os continentes, promovendo a ideia de cultura global, onde pretensamente não estaria ligada a um local específico. Mas esta hipermobilidade internacional ainda apresenta uma parcela de pessoas que sempre retornam aos seus locais de origem, ou mesmo os imigrantes, continuam mantendo sua rede de contatos no local de origem. Também não existe o cosmopolita sem o local, pois é o trânsito entre estes locais que faz o primeiro (Hannerz, 1990).

1.2 Mobilidade, Transnacionalismo e (E & I) Migração

Primeiramente temos que fazer uma diferenciação entre *movimento* e *mobilidade*: os dois termos levam em consideração a ideia de deslocamento em um espaço, porém apenas a *mobilidade* é compreendida enquanto um movimento imbuído de significado social e cultural, ou “socially produced motion”, onde nasce a ideia de *lugar* (Cresswell, 2006). Então entendemos que uma família viajar (mover-se) apenas para passar as férias em Portugal é diferente de um processo de mobilidade estudantil ou imigração para trabalhar, onde uma pessoa sai do seu país para fazer um breve intercâmbio de seis meses ou um curso completo de cinco anos, pois com o tempo cria-se diversas ligações e significações com o novo local. Algumas destas ligações com o local pode ser escolher qual time de futebol irá torcer e qual partido político demonstrar mais simpatia.

Os imigrantes que dependem de várias conexões entre países e tem suas identidades relacionadas com mais de um país são chamados de *transmigrantes*. Essa consciência ligada às várias redes sociais, que ligam pessoas ou instituições além das fronteiras, através de múltiplas ferramentas constituem basicamente o que chamamos de *transnacionalismo* (Vertovec, 1999). Talvez um exemplo seja os estudantes que estudam algum curso em Coimbra, mas no período de férias voltam aos seus países se (re)conectar às suas redes sociais.

Os fluxos migratórios são motivados em parte por razões económicas, pois foram verificadas situações em que muitos fluxos migratórios ligados a trabalho são de pessoas oriundas de países em desenvolvimento e não de subdesenvolvidos. Além disso, alguns migrantes não são os mais pobres, são pessoas que têm recursos, como trabalhadores qualificados que conseguem deixar o país de origem. Uma tendência observada é que a migração internacional diz respeito ao fluxo de indivíduos de países ex-colónias para as grandes potências do passado (suas respectivas ex-metrópoles). É o caso dos imigrantes brasileiros e demais países africanos lusófonos em Portugal. A pobreza ou as diferenças salariais entre os países não é necessariamente o que determina a opção pela emigração, pois a tendência é que só quem tem um certo capital financeiro consegue migrar (Portes, 1999).

Aqui em Coimbra é comum conversar com pessoas que não descartam a possibilidade de voltar ao seu país de origem ao final de algum objetivo (profissional ou académico), mas também há a possibilidade de ficar caso haja a condição de criar uma estrutura com satisfação financeira ou social (adequação à cultura, criação de redes de amizades). Hoje é cada vez mais comum a existência de estratégias de vida transnacionais.

Nesta entrevista com um advogado e músico brasileiro podemos perceber um pouco sobre as motivações de um migrante, não se tratando apenas de questões económicas, quando perguntei quais eram os fatores importantes que influenciaram a vinda para Coimbra:

Gustavo: Eu estava em Santa Maria e era mais um advogado lá e tinha dois caminhos: eu via um caminho que eu ia me dar bem, um caminho que eu já tinha... que eu já comecei a advogar, comprei um carro bom, aquela coisa toda, tava indo bem eu já via o que ia acontecer, que eu ia estudar mais um pouco, ia conseguir dar aula... ia ser um advogado que, acredito eu, bem sucedido em Santa Maria. Esse era um caminho que eu enxergava no horizonte. E tinha um outro caminho e nesse caminho eu não enxergava nada, só enxergava um oceano pela frente..., mas não tive dúvida: foi esse caminho que eu escolhi. E como foi a escolha? Eu conhecia um colega advogado que tinha feito o mestrado aqui, o Doutor Mário Luis Lirio Cipriano. E ele que me incentivou, que me aconselhou “olha vai pra lá etc” e quando eu vim pra cá, já que estamos falando sobre música, a música veio na garupa, como diz o gaúcho “a gaita vem nas costas”, né?

2 IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL

*Coimbra do Choupal,
Ainda és capital
Do amor em Portugal,
Ainda.*

Estudantina Universitária de Coimbra

2.1 Alguns dados sobre imigração brasileira em Portugal

A relação entre Portugal e Brasil, devido às relações coloniais, históricas, identitárias, linguísticas e culturais entre os países foi bastante explorada em diversas obras, mais recentemente sobre as que abordam o tema da migração entre os países. Levando em consideração o tempo para a finalização deste trabalho (uma dissertação de mestrado) e o espaço para o tema (o limite de páginas) e a grande quantidade de dados já explorados por outros autores e consultados para esta pesquisa,

para não entrar em uma repetição desnecessária e dar mais espaço para avançar com o tema, as entrevistas e as fotos, optei por elencar aqui alguns dados e questões mais relevantes para o entendimento do tema com as respectivas obras que podem ser consultadas, caso haja interesse para maior aprofundamento.

Podemos começar com Gilberto Freyre em sua obra *Casa-Grande e Senzala* (1933-1ª edição e 2003-48ª) e a doutrina luso-tropicalista, onde a colonização promovida por Portugal no Brasil teria sido ímpar na história mundial, pois os portugueses seriam naturalmente abertos à integração com outros povos e aos trópicos. Seriam, então, menos racistas e proporcionariam uma colonização diferente da implementada por outros povos europeus. Outro aspecto tratado pela doutrina diz respeito a miscigenação da população no Brasil, que seria o resultado das relações sexuais entre os senhores de engenho e as escravas. Também temos nesta doutrina a base dos estereótipos de um Brasil com povo miscigenado e alegre. Este breve resumo mostra ideias que influenciaram alguns autores e que talvez ainda persistam no imaginário português.

Apesar de nosso trabalho ser voltado para imigrantes brasileiros em Portugal, podemos perceber como foi o fluxo migratório entre os dois países através do tempo com um dado interessante sobre a emigração de portugueses para o Brasil, para entendermos que não se trata de um movimento migratório unilateral (Rocha-Trindade & Fiori, 2009):

No período compreendido entre 1855 e 1865, 87% dos emigrantes encaminhavam os seus destinos para o Brasil. No período subsequente, de 1911 a 1913, 92,5% da emigração continental continua a dirigir-se para esse país e os diagramas circulares desenhados anualmente pela então Direcção Geral de Estatística permitem visualizar de forma destacada a sua posição predominante.

No livro *Cárcere Público: Processos de exotização entre brasileiros no Porto*, o antropólogo Igor José de Renó Machado fala sobre várias questões sobre a emigração brasileira em Portugal (com foco no trabalho de campo feito na cidade do Porto) e em diversos períodos: grandes polêmicas envolvendo brasileiros nos meios da comunicação social, uma vasta pesquisa de números e dados envolvendo vários autores e órgãos oficiais do Brasil, o aumento do número de imigrantes sobre o já tradicional número de emigrantes nos países da Europa do Sul (Portugal, Espanha, Grécia e Itália), o regresso de emigrantes (o caso dos retornados, também das ex-colónias), a sedutora entrada de Portugal na União Europeia e a conseqüente mudança estrutural-económica e de emprego, o impacto das mudanças nas temidas leis de imigração, a qualificação profissional e a identidade para o mercado

(garçons, trabalhadoras do sexo e dentistas), as lideranças (jogo da centralidade e os *brokers*), circulação de bens culturais (gastronomia e música), questão religiosa (IURD), desportiva (Benfica, Porto FC e Sporting), entre outros.

Um fator que geralmente é tratado como importante na imigração brasileira é a questão da língua portuguesa, utilizada tanto no Brasil quanto em Portugal, deixado bem claro na entrevista com o músico Celso Meireles:

Cristovão: Ok. O que foi importante nessa decisão de vir: Tens família aqui, a língua, convite de amigos...

Celso: É, nós estamos falando de Portugal, né? Eu quando saí do Brasil eu fui para outro país que é a Inglaterra, né? Mas quando eu vim para Portugal foi, um dos motivos ter escolhido Portugal, vamos dizer assim, foi também o favorecimento da língua, ser compreendido. Você cantar e saber que está sendo compreendido. (risos) Isso é muito importante. Apesar da música ser universal, não é? Mas quando você pode ser compreendido na sua quase totalidade, é bacana.

Alguns trabalhos eram atuais e específicos para a imigração brasileira em Portugal como um todo como em *Imigração Brasileira em Portugal* (Malheiros, 2007), outro mais específico sobre os *Músicos Brasileiros em Lisboa* (Guerreiro, 2012), o *Cárcere Público: Processo de exotização entre brasileiros no Porto* (Machado, 2009), o *Pesquisa Colaborativa: Contributo a partir de um trabalho com imigrantes na cidade de Coimbra* (Lechner, 2015) e o *Estudantes brasileiros em Coimbra: Um estudo sobre (re)construções de identidades em contexto de emigração* (Rocha, 2010), o que já torna urgente aumentar a nossa lente de aumento e direcionar o trabalho para a cidade de Coimbra.

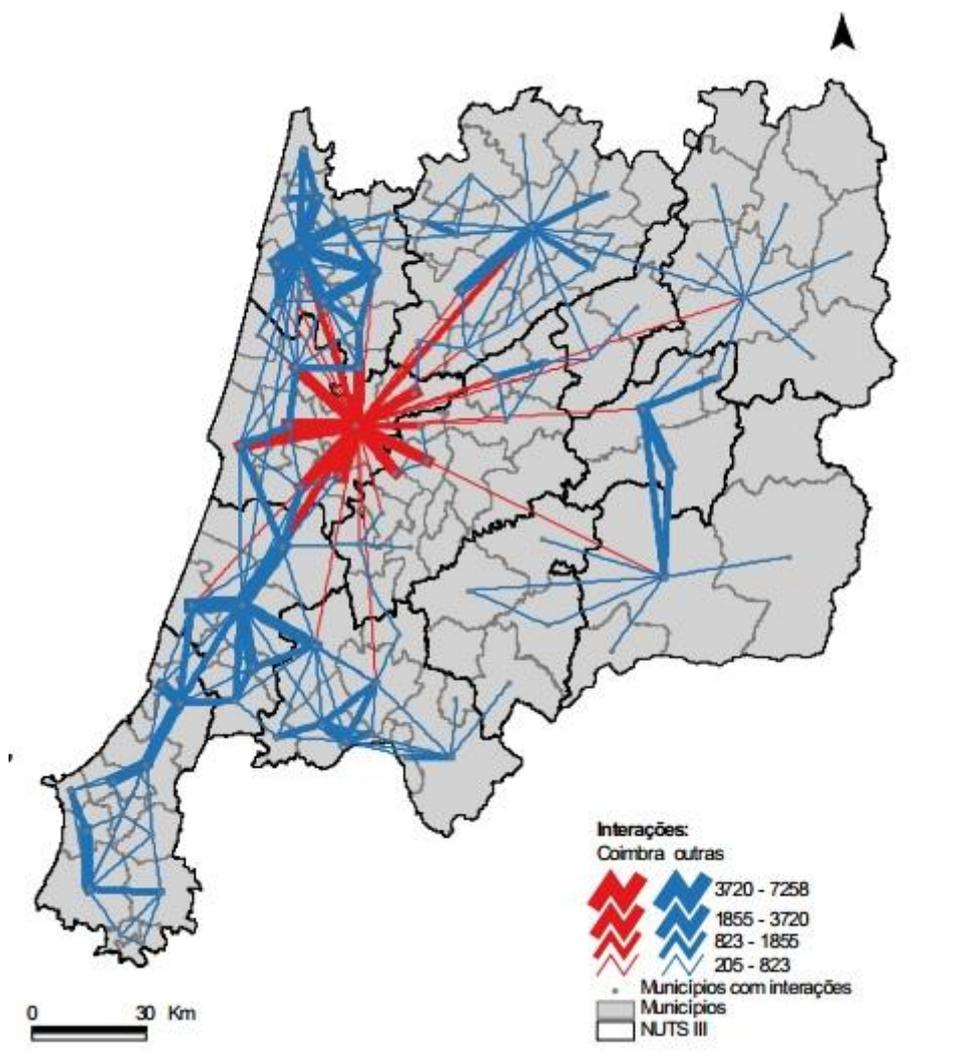
2.2 A cidade de Coimbra

Em uma primeira impressão, a cidade de Coimbra tem como motor principal, bem visível para quem vive nela, a Universidade. A impressão para quem vive nela é que muito do fluxo da cidade gira em torno da vida estudantil e do turismo, regulado pelo ano letivo, principalmente as áreas mais próximas dos Polos, onde os serviços de bares e restaurantes são voltados com boa atenção para uma faixa etária mais jovem. Então a cidade ferve durante a semana e meses úteis, com uma mudança na característica do fluxo durante os finais de semana e meses de férias, quando os estudantes retornam para suas casas em outras cidades.

Na pesquisa documental, consulte os dados referentes ao último censo de Portugal, que é o “Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Centro”, publicado em Novembro de 2012. Este

estudo é dividido por regiões, o que me fez consultar o da região Centro, que é onde está localizada a cidade de Coimbra. Estes censos são feitos a cada decênio pelo Instituto Nacional de Estatística, sendo este o 15º recenseamento da população geral e o 5º de habitação. Segundo os dados oficiais Portugal conta com 10.562.178 de habitantes e a região Centro com 2.327.755 de habitantes. Já a cidade de Coimbra conta com uma população residente de 143.396 habitantes e população presente de 149.425 habitantes.

Também segundo este estudo, a cidade de Coimbra é o principal centro universitário e de serviços, sendo um importante centro de interação de 34 municípios da região. O fluxo de entrada de população, por razões de trabalho ou estudo é equivalente a 33% da população residente, onde podemos ter uma ilustração no mapa abaixo do fluxo migratório interno da região centro para Coimbra (em vermelho).



Fonte: Censos 2011.

A população estrangeira residente na região Centro é de 54 837 cidadãos e a maior comunidade estrangeira é a de nacionalidade brasileira, cerca de 27,8%. À data da realização destes Censos 2011, a população estrangeira residente na região Centro, representava cerca de 2,4%. Este valor situa-se abaixo do país, 3,7%. O que nos faz refletir que Coimbra está abaixo da média do país na preferência de imigração estrangeira.

Um fato interessante, pelo menos para mim, é que a distribuição da população estrangeira residente na região Centro não tem concentração na cidade de Coimbra, pois aparecem manchas mais concentradas nas sub-regiões do oeste e Pinhal Litoral e em particular nos municípios de Alenquer, com 6,4% de população estrangeira, Arruda dos Vinhos, com 5,2% e sobral de Monte Agraço com 4,5%.

Outra fonte documental que pesquisei foi o SEF (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), quando responderam que é disponibilizado muita informação estatística sobre população estrangeira residente no portal oficial do órgão na internet (<http://sefstat.sef.pt>), o que permite alguma análise para algumas impressões e questões. Atualmente os dados mais atuais que estão disponíveis são relativos ao ano de 2014 (consultado em Abril de 2016).

Confesso que fiquei surpreendido com algumas informações oficiais a respeito das nacionalidades presentes especificamente no concelho e distrito de Coimbra, pois eu até esperava uma grande presença de brasileiros, mas ucranianos em segundo lugar e imigrantes do Uzbequistão mais do que de Moçambique, eu realmente não esperava. Segue a tabela com as 12 nacionalidades mais presentes (a tabela continua é bastante extensa):

Mapa de total de residentes no Concelho: Coimbra e no Distrito: Coimbra

Ano: 2014

Última actualização de dados: 31-12-2014

Distrito	Total	Títulos de Residência	Vistos de Longa Duração	Homens	Mulheres
Total Distrito	11182	10453	729	5390	5792
Total Concelho	6213	5484	729	2900	3313
Brasil	2136	1627	509	873	1263
Ucrânia	459	459		255	204
Cabo Verde	440	433	7	186	254
Angola	423	420	3	226	197
China	317	261	56	136	181
Espanha	241	241		111	130

Itália	228	228		107	121
Roménia	224	224		125	99
São Tomé e Príncipe	172	169	3	97	75
Guiné Bissau	166	162	4	95	71
Uzbequistão	97	97		51	46
Moçambique	87	81	6	38	49

Fonte: Quadro extraído em 05/04/2016 13:46:58 em <http://sefstat-web/>

A presença brasileira na cidade é sentida e corroborada pelos números oficiais, como também angolanos, chineses e espanhóis, mas também chama a atenção uma certa “invisibilidade social” de algumas nacionalidades que eu achei não estarem tão presentes, como ucranianos e uzbeques em comparação aos moçambicanos. Ainda sobre dados do Censos 2011, temos um número de brasileiros residentes na região Centro é de 21.333 (dados até 31 de Dezembro de 2009).

Para mostrar um pouco desse sentimento sobre a presença brasileira aqui em Coimbra, posso mostrar a entrevista com a estudante Adriana Moro, quando perguntei como é ser brasileira em Coimbra:

É tão natural ser brasileira aqui em Coimbra por que você esbarra nos brasileiros em qualquer canto que você vai, então eu me sinto muito em casa, apesar de já ter sofrido alguns constrangimentos, mas eu acho que as diferenças nos fazem mais fortes e a mesma diferença de cultura assim... eu acho fácil ser brasileira aqui em Coimbra.

O SEF também informou que dos 1747 novos pedidos de autorização de residência verificados e concedidos em 2014 para o distrito de Coimbra, 464 (204 homens e 260 mulheres) são de nacionalidade brasileira. Perguntei se existia alguma informação oficial sobre qual o Estado ou Região de origem destes brasileiros o qual informaram: “O SEF não divulga desagregações cruzadas de tipologia de título de residência / área geográfica”. Então infelizmente não temos como analisar qual região ou Estado do Brasil está mais presente em Coimbra, em termos numéricos.

2.3 A Universidade de Coimbra

Desde quando eu morava no Brasil eu ouvia muito falar sobre uma das mais famosas e antigas universidades da Europa, com seus 726 anos, eleita Património Mundial pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), uma espécie de sonho de estudo para brasileiros: a Universidade de Coimbra. Foi baseado nessa popularidade que decidi vim fazer o

mestrado aqui na UC, o que depois vim ouvir de muitos outros brasileiros uma narrativa parecida. Podemos perceber nesta entrevista com uma estudante de Belém um pouco disso:

Cristóvão: Quais os motivos que levaram escolher Coimbra para estudar?

Anna Medrado: Acho que o custo benefício é um dos principais fatores para você escolher Coimbra, porque você tem uma qualidade de ensino muito superior que você teria no Brasil com um custo bem menor que você teria lá.

Já em uma entrevista com um estudante, também do mestrado em direito, oriundo do Estado de Goiás, também apresentou uma narrativa de motivação parecida:

Cristóvão: Quais os motivos que levaram a escolher Coimbra para estudar?

Fernando: Olha sinceramente eu não tenho dúvida que foi por causa que a minha menção é filosóficas. É engraçado porque no século XX, no doutorado formaram apenas dois, e desses dois, estão aqui dando aula. Então não tem como, aqui em língua portuguesa é o melhor lugar da menção jurídico-filosófica.

Uma das primeiras observações no campo de pesquisa e vivência é que basicamente os espaços da cidade se confundem com os espaços tomados pelos estudantes de Coimbra, com os demais serviços e eventos voltados para o fluxo que a questão universitária proporciona. Não é difícil constatar ao andar pela cidade a grande presença de estudantes. Mas é necessário também analisar dados que possam trazer outras leituras sobre esta impressão.

Para termos uma ideia da presença em termos gerais de estudantes na cidade, através de informações gentilmente cedidas pelos Serviços Acadêmicos da Universidade de Coimbra, começamos aqui com os números oficiais dos estudantes matriculados em Programas de Mobilidade (Erasmus), Licenciaturas (1º ciclo), Mestrados (2º ciclo) e Doutoramentos (3º ciclo):

Estudantes Inscritos Ativos em 2015/2016 à data de 13/04/2016, por ciclo de estudos e tipo de matrícula (os valores podem compreender algumas repetições - estudantes que inscritos em dois ciclos de estudo)

Ciclo de estudos	Tipo de matrícula		Total
	Normal	Programas Mobilidade	
1º Ciclo	8154	1007	9161
2º Ciclo	10086	450	10536
3º ciclo	2254	5	2259
Total	20494	1462	21956

Fonte: Serviços Acadêmicos da UC

Deste total de alunos, seguimos nossa compreensão para uma breve observação das cinco nacionalidades mais presentes dentro da UC, com a seguinte tabela:

5 Nacionalidades mais representadas entre os estudantes Inscritos Ativos em 2015/2016 à data de 13/04/2016 (os valores podem compreender algumas repetições - estudantes que inscritos em dois ciclos de estudo)

Nacionalidade	N.º Estudantes
Portugal	18526
Brasil	1785
Itália	275
Espanha	236
Angola	186
Polónia	79

Fonte: Serviços Académicos da UC

Desta tabela já podemos perceber que aquela presença de ucranianos no número de residentes em Coimbra não está relacionada ao ambiente de estudos, provavelmente relacionada ao ambiente de trabalho, mas não encontrei dados para ter certeza sobre isso. Ao passo que encontramos um grande número de poloneses matriculados, mas não tantos como residentes na cidade, o que suscita diferenciações sobre a natureza e objetivo de migração entre estes dois países, o que não é nosso estudo. Para já percebemos que o grande número de residentes e estudantes brasileiros em Coimbra está relacionado. Claro que também podemos entender que alguns destes números se referem a pessoas que podem ser residentes, mas não matriculados, ou o vice-versa, ou até números coincidentes. Vez por outra, encontro brasileiros que estão ilegais no país, geralmente voltados ao trabalho e não ao ramo académico. Mas isso são outros dados...

Mais especificamente sobre os dados sobre brasileiros matriculados em diferentes ciclos de estudos e também sobre os brasileiros que participam de programas de mobilidade académica (seja para passar um semestre ou um ano), forneceram os seguintes dados:

Estudantes Brasileiros Inscritos Ativos em 2015/2016 à data de 13/04/2016, por ciclo de estudos e tipo de matrícula (os valores podem compreender algumas repetições - estudantes que inscritos em dois ciclos de estudo)

Ciclo de estudos	Tipo de matrícula		Total
	Normal	Programas Mobilidade	
1º Ciclo	196	453	649
2º Ciclo	440	102	542
3º ciclo	593	1	594
Total	1229	556	1785

Fonte: Serviços Académicos da UC

Temos então dados que confirmam a grande presença de brasileiros não só na cidade de Coimbra, quanto matriculados na Universidade, fazendo com que as impressões, mesmo que breves e superficiais de quem passeia pelos ambientes se confirme. É interessante ver que a maior presença de brasileiros diz respeito à ordem inversa dos ciclos de estudos, onde a maioria está no Doutorado, uma segunda parte está no Mestrado e uma minoria nas Licenciaturas. Em entrevista com o estudante Fernando, matriculado no Mestrado em Direito, ele disse:

Cristóvão: *Quais são os locais onde encontras mais brasileiros?*

Fernando: *Olha... sem dúvida nenhuma porque eu costumo mais no meu dia-a-dia estar na faculdade por conta dos estudos. Então na faculdade de Direito parece que tem mais brasileiros do que portugueses sabe (risos)?*

Através dos dados e números relativos à cidade e à Universidade, podemos construir um entendimento da sensação dessa presença brasileira ocasionada pela quantidade de brasileiros existentes em uma boa parte do fluxo social, que acaba por nortear os convites para festas e jantares. Chegar em um continente, país e cidade desconhecidos e já ser recebido absorvido por pessoas de mesma identidade nacional, cria uma sensação de segurança e proporciona a criação de redes de amizades e contatos acadêmicos, muito importante no caminho trilhado por um estudante e trabalhador imigrante, longe da família e amigos.

2.4 Ambientes sonoros: Convívios acadêmicos, jantares e festas

Para além dos espaços corriqueiros para encontrar qualquer nacionalidade como praças públicas, salas de aula, bibliotecas, supermercados e bares, é natural ver que os espaços de sociabilidade que tem música acabam sendo um alvo natural dos estudantes que estão fora do horário de aulas (ou para os que não querem ir para aulas também).

Ser um estudante (ou morador) de Coimbra é estar preparado para qualquer dia ser convidado para um jantar de curso (mesmo que não seja o seu), que pode estender-se para um convívio em outro lugar, para um bar ou diretamente para uma danceteria, onde estão conhecidos que apresentam outros conhecidos. Como disse a Adriana Moro em uma das entrevistas: *“Coimbra é Coimbra. Se você quiser sair todo dia, você sai todo dia”*.

Como a cidade recebe muitos portugueses que moram em outras cidades, durante os finais de semana eles retornam para suas casas, deixando o final de semana com maior presença de pessoas que moram em Coimbra ou os que vieram de outros países ou das ilhas portuguesas dos Açores ou

Madeira (não raro vemos as brincadeiras sobre estes serem de outros países). Então os estudantes aproveitam todos os dias de semana para irem para as festas, sendo Terça e Quinta tradicionalmente as noites mais movimentadas. (Uma historinha: dormir nestas noites é uma tarefa complicada devido os barulhos dos estudantes embriagados que passam a gritar pelas ruas, em baixo das janelas).

Nesse contexto percebemos um dilema da modernidade, na visão de Giddens, que trata da oposição entre unificação e fragmentação. O indivíduo sai do seu tecido social, fragmenta-se e ao chegar em outro país, começa a construir uma unificação com outros indivíduos, baseado no encontro de outros indivíduos, seja para reconstrução de uma narrativa de nacionalidade, que falem a mesma língua, ou que até falem uma língua diferente, mas que tenham gostos e ideais parecidos ou dialogáveis. É imprescindível a fluência em outras línguas adicionais neste contexto urbano internacionalizado, pois este pode ser um forte fator de comunicação, e logo, de unificação.

A cidade de Coimbra, enquanto ambiente permeado pela intensa mobilidade, impulsionada pela globalização e vice-versa, apresenta um intenso fluxo transnacional não só de pessoas, mas também de mercadorias, ideias, gostos e bens culturais (gastronomia, música, teatro, etc). As pessoas movem-se a grandes distâncias carregando consigo parte da sua cultura, dos seus gostos, que atualmente não dependem da materialidade de objetos sólidos como um disco de vinil ou uma fita K7, tiveram um fluxo impulsionado pela mídia e a internet (Appadurai 1986; Clifford 1997; Hannerz 1996 [1994]).

Ao aderir a este processo de unificação, construir laços sociais e contatos académicos, também por ser músico e gostar de ambientes com música, percebi que ao transitar por estes espaços que o repertório musical de Coimbra tinha uma composição interessante: música eletrónica mundializada, o rock internacional em inglês, música portuguesa em doses homeopáticas (fado e canção de Coimbra mais voltada para turistas ou eventos estudantis, rocks portugueses clássicos, a popular “música pimba” com seu respetivo Rei Quim Barreiros e os ranchos folclóricos nos devidos guetos), uma grande presença do género musical chamado *Kizomba* (originário basicamente da Angola) e uma grande presença da música brasileira. Cheguei a conhecer duas casas noturnas voltadas para o conceito de “noite africana”, ou seja, voltada não para um país específico, mas para os apreciadores da música deste continente, em maioria composta por africanos de diversos continentes.

O que começou a chamar-me a atenção é que em qualquer tipo de ambiente com música, seja barzinho, festa africana ou danceteria mais elitizada, sempre havia pelo menos um bloco de música brasileira no repertório. Não apenas isso, mas também alguns ambientes voltados para a temática de “festa brasileira”, ou seja, para um único país e não para um continente Americano ou América Latina.

De vez em quando eram organizadas festas temáticas para um ou outro país, mas não com a mesma frequência das festas africanas ou mais ainda das brasileiras. Em uma entrevista sobre as festas que vemos aqui em Coimbra fiz uma pergunta sobre as festas temáticas de outras nacionalidades para a proprietária do Bar RS:

Cristóvão: Há outras festas de outras nacionalidades: tipo festa de....?

Dona Rosa: Raramente. Há música portuguesa e há música estrangeira que toca geralmente nos bares, mas concretamente festa tipicamente de uma nação... faz muito poucas vezes.

Cristóvão: Geralmente brasileira, né?

Dona Rosa: É.

Se formos levar em consideração os dados e números apresentados da presença de brasileiros tanto com visto de “residentes” em Coimbra, quanto de matriculados na UC, podemos entender que a presença da música brasileira seria influência óbvia destes números. Mas surgiram algumas questões de curiosidade antropológica e musical: 1) Se há tantos ucranianos em Coimbra, onde estão as festas ou restaurantes voltados para esta nacionalidade? 2) Se a somatória do número de alunos da Itália, Espanha e Polónia é maior que a de angolanos, qual o motivo da *Kizomba* ter tanta presença no tecido social-musical de Coimbra e quase (quase?) representar a África como um todo? 3) Como a grande presença de chineses é sentida nos ambientes, lojas de importados e restaurantes mas não em festas? 4) A língua portuguesa seria um fator de descolamento do Brasil do resto da América Latina em questões de demarcação de identidade musical?



Imagem 1: Hélio Santana e Celso Meireles na Churrascaria Gauchão.

Foram estas e outras questões que direcionaram esta pesquisa para o viés referente aos espaços de sociabilidade com a presença da música e todo o complexo universo que faz parte deste contexto. Várias das questões postas anteriormente não encontraram necessariamente abordagem e maiores problematizações nesta pesquisa, mas podem certamente gerar outros temas de trabalhos e pesquisas. Fica a sugestão.

3 ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE

*Festa da Música Tupiniquim
Que tá rolando aqui na rua Antônio Carlos Jobim
Todo mundo tá presente e não tem hora pra acabar
E muita gente ainda tá pra chegar*
Gabriel, o Pensador. Festa da Música Tupiniquim

3.1 Metodologia e ferramentas de captação

Definido o objeto da pesquisa, com orientação do professor Florêncio, comecei a buscar uma metodologia interdisciplinar, sistematizada e integradora de coleta de dados e informações que pudessem ajudar a difícil tarefa de entender o fenômeno social e cultural da música em um contexto tão complexo que é o da imigração. Foi imprescindível a análise documental e de dados sobre o assunto, onde consultei o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, os Serviços Acadêmicos, os Censos e outros materiais com dados que já foram expostos nos capítulos anteriores. Também não podemos deixar de fora uma análise crítica das ferramentas teóricas para devida conjugação das metodologias que pretendem captar (observar e ouvir) e entender.

Na construção de uma metodologia interdisciplinar e integradora, achei interessante contar com a metodologia *multi-situada*, ou do *sistema-mundo* (Marcus, 1995), associado a uma onda de capital intelectual denominado pós-moderno, onde a observação e participação etnográfica não mais seria voltada para apenas um lugar, mas sim examinar a circulação de significados, objetos e identidades culturais em um tempo-espaço difuso. Temos então uma etnografia móvel que pode tomar um rumo inesperado ao seguir formações culturais em múltiplos sítios de atividade, através do exercício de mapear o terreno e saber os limites da etnografia, como é o caso que veremos de bandas

que promovem festas brasileiras em locais diferentes ou até festas brasileiras que surgiram em outros locais, mesmo depois de definidos os primeiros locais de observação.

Após uma overdose do uso da palavra “social”, surge a necessidade de uma melhor compreensão, onde podemos partir do entendimento que o social não é algo sólido que liga as partes, mas um processo, um fluido circulante, o qual pretendo compreender para, nesta pesquisa, buscar conexões ou rastrear associações, entre diversos elementos mesmo que pareçam heterogêneos e originalmente distantes. Com este equipamento leve de entendimento, parti com as ideias *latourianas* levando em conta que os futuros contornos da pesquisa seriam construídos pelos atores sociais envolvidos no tema, concedendo espaço para se expressarem, ensinando-nos a entender o tema. Como o contexto das migrações é fluido, pois adquire outros contornos com o passar do tempo, surgindo novas associações, fica claro a utilização da teoria-método do *Ator-Rede*, voltada para detetar associações, observar e descrever para tentar compreender. Será mesmo que algum dia alcançaremos a terra prometida de uma ciência verdadeira que explique um mundo social real (Latour, 2012)?

Feitas estas considerações, comecei por escolher os espaços onde a música brasileira circulava de forma mais evidente e constante, que apresentassem um bom número de frequentadores brasileiros e que ficassem dentro de uma circunscrição que eu pudesse percorrer, dentro da limitação de recursos. Detetei logo que esta rede de espaços ficava basicamente dentro do mapa mental referente aos ambientes frequentados mais pelos estudantes da Universidade de Coimbra, mas também por estudantes de outras instituições, ou já afastados da vida acadêmica ou moradores voltados à prática laboral. Assim comecei a frequentar as festas brasileiras pois:

*É importante, também, que o observador participe do objeto de sua observação; é preciso, num certo sentido, apreciar o cinema, gostar de introduzir uma moeda num juke-box, divertir-se nos caça níquéis, seguir as partidas esportivas, no rádio, na televisão, cantarolar o ultimo sucesso. É preciso ser um pouco da multidão, dos bailes, dos basbaques, dos jogos coletivos. É preciso conhecer esse mundo sem se sentir um estranho nele. É preciso gostar de flunar nos bulevares da cultura de massa. Morin, Edgar (1962). *Cultura de Massas no Seculo XX*. Pag 22.*

Percebi a importância de agregar a esta metodologia integradora, que já reunia a observação participante dos espaços de sociabilidade baseada na *descrição densa* (Geertz, 1989) e a análise documental, o exercício da fotografia, que decidi aprender especificamente e motivado por este trabalho. As idas ao(s) campo(s) para fotografar serviram para ser uma forma de captar momentos interessantes para inserir um recurso visual de informação nesta dissertação, rever detalhes

posteriormente com mais calma que, durante a intensa movimentação da festa, haviam passado despercebidos. Também foi uma forma de interagir mais com as pessoas pois, por ser às vezes confundido com “o fotógrafo contratado para a festa”, algumas pessoas até pediam para serem fotografadas, iniciavam conversas informais sobre o tema e também uma forma de retribuir a dádiva das contribuições dos trabalhadores dos bares, músicos ou público, que mostravam interesse em contribuir com este trabalho.

Após conhecer melhor os ambientes, quem trabalhava nos ambientes, as pessoas que costumavam frequentar o mesmo local ou mais locais com festas brasileiras e estabelecer um contato prévio com os músicos, também agreguei o método qualitativo das entrevistas com os chamados interlocutores privilegiados. Com esse conhecimento primário passei para a fase de elaborar roteiros para entrevistas gravadas com perguntas adequadas a cada grupo temático: Público brasileiro, público não-brasileiro, músico brasileiro, músico não-brasileiro e trabalhadores de bares. Estes entrevistados formam uma rede de observadores, algumas vezes interligados entre si, que trazem valorosas informações de acordo com suas vivências e observações, pois nós, os observadores pesquisadores, não podemos alcançar a partir do nosso singular ponto de vista.

Destaco aqui algumas sugestões de técnica de entrevistas que desenvolvi e utilizei na graduação e nesta pesquisa. Devido ao tempo e recursos limitados, procurei marcar entrevistas com os frequentadores brasileiros de diferentes cidades, Estados e Regiões, para tentar ter uma amostra de visão e pensamento de partes diferentes do Brasil. Sobre os músicos, busquei entrevistar pelo menos um de cada banda, geralmente os que tinham mais tempo de carreira ou mais volume de concertos nos ambientes. Também percebo que ao entrevistar um tipo de interlocutor, pode surgir questionamentos ou fatos interessantes para perguntar a outro tipo de entrevistado, por exemplo, em entrevista com um músico surge uma questão interessante para ser feita a um trabalhador de bar, ou quando em entrevista com alguém do público surge uma questão interessante para um músico. Dessa forma, com o tempo, o roteiro de entrevistas vai sofrendo modificações, perdendo perguntas sem efeito e ganhando perguntas mais sensíveis ao tema.

Os músicos são uma peça importante na pesquisa, tanto na observação, quanto nas conversas informais e entrevistas, pois considero estes profissionais como *mediadores*, que através da escolha e recorte que fazem do repertório de música brasileira, dos gêneros musicais abordados e de onde são originadas as músicas é que podemos perceber a construção/representação da ideia de Brasil através da música, que neste caso entendo como *intermediária*, pois carrega significado e força, e que dependendo da organização feita pelos atores pode promover significados diferentes entendimentos. A separação entre estas duas categorias não se revelará tão simples (Latour, 2012).

Os trabalhadores de bares desempenham, devido aos anos de experiência no trabalho ou extensa atividade semanal, uma importante função: de ponderar e esclarecer os possíveis traços que diferenciam o público brasileiro dos outros públicos e sobre as festas brasileiras e as demais festas de outras nacionalidades. Também são motores de organização dos eventos e trabalham nos bastidores contribuindo com a construção do universo simbólico da festa. No caso dos organizadores das festas a pergunta *latouriana* seria: Quais traços são deixados para fabricar ou manter estes grupos vivos?

3.2 O(s) Campo(s): Festas Brasileiras

Em uma etnografia multi-situada ou multi-local, eu tinha que definir quais locais frequentaria para realizar a observação participante, as fotografias e contato com pessoas para as entrevistas. Para além dos convites dos colegas brasileiros, tanto do mestrado em Antropologia quanto de outros cursos (os conhecidos, dos conhecidos, dos conhecidos), uma das fontes de informação sem dúvida foi através do *Face Book*, no grupo “Brasileiros em Coimbra”, onde geralmente as festas eram anunciadas.

Primeiramente tive que mapear mentalmente onde os brasileiros mais frequentavam em termos de festas, que eu já poderia ter frequentado durante a definição e escolha do tema, mas que também por ventura pudesse não saber da existência. Então o primeiro lugar que vem a mente em termos de festas é a região da Sé Velha, conhecida por ser bastante frequentada por estudantes e todo tipo de gente da cidade. Então utilizei a técnica de *detetar associações* para saber através das entrevistas onde geralmente os brasileiros eram mais vistos. Transcrevo aqui um trecho de uma entrevista com um rapaz português (colega de outros colegas) que vez por outra encontrava nas festas brasileiras:

Cristóvão: Quais são os locais que você encontra mais brasileiros aqui em Coimbra?

Alxandre: Aqui, por exemplo, aqui na Sé Velha, é um espaço que já é muito próprio dos brasileiros, que já existe aqui uma ... eventos muito característicos que convivem muitos brasileiros e depois... sei lá... espalhados pelo resto da cidade, os de costume mais de saída das cidades.

Então, ao começar pela Sé Velha, mais precisamente pelo Bar RS, onde acontecia a tradicional “feijoada do RS” aos Domingos de noite, fui descobrindo outros lugares através de conversas e contatos. Fui informado dos sambas que eram realizados no “Campo de Santa Cruz” (da Associação

Académica de Coimbra), os concertos do grupo *Samba Sem Fronteiras* no espaço Salão Brazil e posteriormente, durante uma fase intermediária da pesquisa, os forrós organizados no Centro Cultural Dom Dinis pela APEB. Há o caso da banda de música brasileira Orango Samba que tocava em diversos lugares, mas sempre com a temática de “festa brasileira”, confirmando a escolha pela metodologia da etnografia multi-situada.



Imagem 2: localização dos espaços de sociabilidade: Salão Brazil, RS Café Bar, Centro Cultural Dom Dinis e Campo de Santa Cruz. Reprodução do Google Maps sem fins lucrativos.

Cabe aqui, antes de entrar na descrição específica de cada festa, fazer algumas considerações sobre a existência de outras festas e as possíveis diferenças entre elas, com base nas entrevistas dos interlocutores. Durante as conversas informais era comum ouvir de pessoas de outras nacionalidades sobre a diferença das festas brasileiras em relação às outras. Novamente em entrevista com o Alexandre Pinto, rapaz português bom frequentador de festas brasileiras:

Cristóvão: *Quais os teus motivos para participar de uma festa brasileira?*

Alexandre: *Ah eu diria que as pessoas brasileiras têm outra energia, são muito animadas então... é um bocadinho diferente do que se vê aqui, o típico Português que não se mexe tanto quanto os brasileiros.*

Cristóvão: *Então tu acha que tem uma diferença entre festas brasileiras e outras festas?*

Alexandre: *Assim as festas brasileiras normalmente são mais digamos mais talvez animadas... o que que eu posso dizer mais... com muita energia, dançam muito. Normalmente para quem não está habituado assim a estar sempre a dançar ou assim. Pois é diferente.*

Já em entrevista com o músico e cantor português Hugo Cunha, que é o líder do grupo que toca samba e pagode brasileiro no Campo de Santa Cruz, quando perguntado sobre a diferença entre as festas brasileiras e outros tipos de festa, o mesmo comentou:

Hugo: *[...] Então as festas brasileiras são mais animadas, a galera... porque canta em português, né? Todo mundo canta as músicas. E eu posso falar da minha festa, a festa que eu faço: a galera se sente muito familiarizada ali, se sente dentro de um grupo, todos unidos quando estão na festa e, poxa, é um ambiente muito bom. Nas festas portuguesas normalmente cada um está por si, cada um dançando sozinho, vai com os amigos não fazem uma roda... mas cada um está curtindo sozinho a música praticamente... então tem essa diferença muito grande. Me parece.*

Parece então que um dos motivos de pessoas de outras nacionalidades procurarem as festas brasileiras acaba por naturalizar o estereótipo de que são eventos voltados para a dança. Aqui podemos ter uma ideia disto em uma entrevista (realizada através do famoso “portunhol”) com a Janina, jornalista do Equador:

Cristóvão: Quais os teus motivos para participar de uma festa brasileira?

Janina: Acho que não colocam muitas outras opções pontuais para dançar... pontualmente, porque os outros espaços onde poderia ir são várias, para ficar, para conversar, mas depois você queria mover-se. Então ali quando vem el o contacto do contacto que diz que tem uma festa, não importaria se fosse de Bolívia ou Angola, mas você queria dançar.

Também com relação aos brasileiros a motivação para participar de uma festa brasileira é parecida, como podemos perceber em mais um trecho da entrevista com a enfermeira e estudante de doutoramento Adriana Moro, no caso uma brasileira do Sul do Brasil:

Na verdade, encontrar os brasileiros, encontrar também outras etnias porque eles acabam frequentando as nossas festas porque são muito divertidas e porque eu me sinto em casa, eu acho que é um pouco... é como se fosse nosso próprio quintal, assim... Então me sinto bem, escutando as nossas músicas e dançando e fazendo festa, não importa quem esteja do lado, o importante é estar escutando, aproveitando, se divertindo....

Surge o questionamento: Ir para uma festa brasileira pois já é suposto que será uma festa para dançar é um reforço daquele estereótipo *lusotropicalista* do “povo brasileiro alegre”, conduzido por Gilberto Freyre, ou é justamente uma festa alegre pois as pessoas que a procuram já são pessoas alegres e dispostas a dançar? Para fazer um contraponto a este estereótipo que percebi durante conversas informais e gravadas, lembrei de perguntar para um músico brasileiro que tocava bastante na noite de Coimbra uma questão que me pareceu interessante:

Cristóvão: Então se fizer uma festa de música brasileira com música triste...?

Hélio: Esquece! (risos) Vai todo mundo se matar! Cortar os pulsos.

Dentro deste *loop* construtivo-conceitual de alegria e da dança, parece que as festas brasileiras têm também como motor de motivação um outro tema que surge de forma recorrente na pesquisa, que diz respeito a tristeza de estar longe, a famosa “saudade de casa”. A vida fora do país, longe da família, amigos e das coisas de lá pode fazer com que esse sentimento possa prejudicar o indivíduo com o passar do tempo. Em entrevista com uma brasileira da região Norte (coincidentalmente da

minha cidade, Belém) o tema aparece voltado para a música:

Cristóvão: Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para ir para uma “festa brasileira”?

Anna: Matar um pouco da saudade da música de lá (risos). Basicamente isso. Até encontrar alguns amigos que são brasileiros também e ouvir a música brasileira, propriamente dita.

Feitas estas considerações gerais sobre as festas brasileiras, vou tratar agora mais especificamente dos espaços que fiz a observação participante.

3.3.1 Feijoadas no RS Bar

O RS Bar fica situado no largo da Igreja da Sé Velha, um espaço já conhecido na cidade pelos vários bares que estrategicamente ali estão, pois recebem durante a noite jovens estudantes de várias nacionalidades, sendo que alguns que já que moram naquela região pois há grande oferta de residências e quartos para temporada de aulas. Além do RS, temos alguns considerados bem clássicos como o Cabido, o Moelas e o Bigorna. Estes bares comportam um público de pequeno a médio, talvez por isso não apresentem tanto atrações como bandas que toquem ao vivo, sendo o RS o único que apresenta música ao vivo. Ressalto que as atrações dos bares são o oferecimento de bebidas por um preço acessível e “música mecânica” (algum aparelho de som ou até DJs que trabalham nas casas).



Imagem 3: Feijoada no RS Bar.

Vamos falar, então, especificamente sobre o RS Bar, que foi o meu ponto de reflexão inicial sobre o tema, que oferecia quinzenalmente aos Domingos por volta das 20 horas o evento “Feijoada

do RS”, a parte gastronómica também carregada de simbolismo voltado para a cultura brasileira (fica a sugestão de explorarem melhor este tema em outra pesquisa), onde na parte de cima do bar eram colocadas grandes panelas com feijoada brasileira e outros recipientes com os chamados “acompanhamentos”: o arroz, laranja, farofa, salada, vinagrete e couve, com o preço de 5 euros. Ao entrevistar a dona do RS Bar, a portuguesa Dona Rosa explicou sobre a origem das festas brasileiras:

Cristóvão: Então... como começou as festas de música brasileira [...]?

Dona Rosa: Mais propriamente no bar que hoje tenho a 5 anos, 4 anos e meio, 5 anos.

Cristóvão: A senhora vê alguma diferença nas festas com música brasileira e as outras festas?

Dona Rosa: Sim. O tipo de música é diferente, o modo de dançar é diferente, o povo brasileiro geralmente é mais alegre. Tem o dom de saber dançar, [ruído ambiente, difícil compreensão] por isso são essencialmente diferentes.

Em conversa com o Luciano, o principal cozinheiro e organizador, estudante da Bahia e trabalhador de bares aqui em Coimbra, explicou como surgiu a Feijoada no RS (bar):

Cristóvão: Como foi que surgiu a ideia de fazer a feijoada brasileira?

Luciano: (risos) Antes, quando eu vim morar aqui eu costumava cozinhar e surgiu a ideia com um amigo de fazer uma feijoada pro aniversário dele. E o pessoal curtiu e pediu para gente fazer mais. Como na época eles eram músicos, alguns, a gente começou fazendo a feijoada com samba. Depois esses meninos do samba foram embora, a Valéria chegou e surgiu essa ideia também com a Dona Rosa que tinha um espaço que ela sempre gostou das festas brasileiras, incentivava, então ela fez a proposta para gente fazer a feijoada... e propusemos fazer quinzenalmente.

Luciano: [...] O projeto da feijoada é um projeto voltado para brasileiro, mas é aberto a todo público. Na verdade, a ideia da feijoada é a integração brasileiro/português, todos os estrangeiros que estão em Coimbra que é uma cidade internacional no universo estudantil, e no bar em si quando eu trabalho no bar é misturado.

Após servida a feijoada é iniciada a atração musical, onde temos um repertório de música brasileira. Estas apresentações geralmente apresentavam a formação os brasileiros: Valéria (voz), Hélio Santa (Guitarra elétrica e voz), Gustavo (voz e acordeão), e algumas vezes os portugueses Sérgio (teclado) e João Shorty (bateria ou *cajon*). O repertório apresentado era bastante variado: forró, sertanejo, bossa nova, rock, pagode, reggae, samba, música baiana e funk carioca. Durante várias noites havia participação de toda a gente que quisesse cantar ou tocar alguma música, sendo um espaço democrático, onde até eu fiz uma participação. O RS, dos bares da Sé Velha, é o que tem mais espaço e, talvez por isso, geralmente conta com a apresentação de bandas ao vivo, de diferentes gêneros musicais, em diferentes dias da semana.

Foi durante estas festas que conheci muita gente, os músicos e fiz muitas amizades, e também fiquei sabendo de outras festas brasileiras. Lá eu conheci a Esperança Peixoto, que costumava

frequentar e informou-me dos sambas realizados no Campo de Santa Cruz. Infelizmente tive que deixar de ir em alguns Domingos para adiantar esta dissertação.

3.3.2 Os sambas no Campo de Santa Cruz

Através dos contatos no RS Bar eu acabei marcando com amigos para ir visitar os sambas no Campo de Santa Cruz. Situado na rua Lourenço de Almeida, um pouco afastado da Sé Velha, mas próximo a outro centro de confluência de bares (A Praça da República), geralmente tinha aos Sábados por volta da meia-noite o início da festa. É um espaço da Associação Académica de Coimbra, onde existe um campo de futebol e um bar e espaço de sociabilidade (mesas e pista de dança). A festa era liderada pela banda Pé de Samba, formada por: Hugo Cunha (Português, voz e cavaquinho) e mais dois integrantes, geralmente brasileiros, um no *tantam* e outro no pandeiro. O repertório era voltado mais para pagode e samba, com alguma variação entre forró e sertanejo. Algumas vezes alguém participava cantando um funk improvisado, mas era raro. Essa banda foi uma dissidência de outra banda formada para tocar no RS, pois depois da divisão da banda, o Hugo e outros integrantes iniciaram as festas no Campo, tendo também algumas vezes realizado a chamada feijoada no Campo de Santa Cruz.



Imagem 4: Grupo Pé de Samba no Campo de Santa Cruz.

Em entrevista com o Hugo sobre as impressões dele sobre a festa e o público, temos aqui o facto interessante de um músico português direccionar a festa para o público brasileiro:

Cristóvão: Como tu enxergas o teu público: Mais brasileiros ou de outros países? E tu consegues fazer alguma diferença entre o público assim ...?

Hugo: Então... eu faço a minha festa, eu faço para brasileiros. De vez em quando eu tenho lá outras nacionalidades mas a galera não conhece... nem lembro o nome da música lá “Assim você me mata”... “ai se eu te pego”, né? Essa música aí. Quando eu toco essa música aí os estrangeiros gostam muito ou uma ou outra música como “garota de Ipanema” talvez que as pessoas conhecem, mas normalmente só quem conhece as músicas brasileiras que eu toco mais é os brasileiros mesmo. Até os portugueses que conhecem algumas músicas brasileiras, tirando as músicas de Martinho da Vila, ou as músicas do Seu Jorge, uma ou outra. Mas o meu público é o público brasileiro e eu consigo ver o comportamento das pessoas, é diferente quando são os brasileiros e quando outras pessoas. Eu estou vocacionado para o público brasileiro.

Durante as incursões nesta festa percebi que o público é diferente do público que frequenta o RS, pois a maioria das pessoas que via no Campo eu não via no RS. Tratavam-se também na maioria de brasileiros, mas geralmente moradores de áreas próximas, diferentemente dos grupos que via no RS, que eu sabia que moravam ali naquela região. Também contava com pessoas de outras nacionalidades, muitas vezes convidados pelos brasileiros.

3.3.3 Banda Orango Samba

Antes da minha ida para Portugal, eu já frequentava o grupo “Brasileiros em Coimbra” no *Face Book* para saber sobre a cidade, informações académicas e demais assuntos do cotidiano. Foi lá que soube da existência da banda Orango Samba, pois sempre postavam as agendas de concertos. Pensei até em conseguir uma vaga como baixista, pela vivência musical em outro país e até um rendimento financeiro para ajudar nos custos do mestrado. Quando cheguei, antes até de definir o tema desta pesquisa, vi que era a maior banda de música brasileira da cidade e com agenda mais sólida, não ficando restrita a um lugar específico, já tendo tocado em vários lugares de Coimbra e inclusive outras cidades. Cheguei a fazer um concerto com eles no dia 14 de fevereiro de 2015.

Por mais que esta banda não tocasse em nenhum dos espaços definidos originalmente para observação participante, mas devido a importância da banda no cenário de Coimbra para a música brasileira, foi imprescindível incluir um espaço dedicado a ela. Percebemos a importância da etnografia multi-situada pois ela acabava criando um espaço de sociabilidade de música brasileira onde quer que fizesse os concertos.

A banda passou por várias formações ao longo dos anos, tendo como fundador e principal

membro o Celso Meireles, que veio a desligar-se da banda tempos depois de eu ter participado do concerto. Tinha inicialmente como repertório a famosa MPB (Música Popular Brasileira), um pouco de bossa nova, mas também ritmos como sertanejo, axé (música baiana) e samba. Também passou pela banda o Helio Santana, que, assim como o Celso, apresenta-se em bares e outros grupos pela cidade. Nos eventos que fui logo quando cheguei, o público era formado por brasileiros e várias nacionalidades.



Imagem 5: Divulgação pública para ventos. Reprodução da internet.

Através desta imagem que a banda utiliza na divulgação pública de eventos e também da forma como se apresenta nos palcos, podemos percebermos aqui o chamado processo de *exotização*, que seria uma das estratégias utilizadas como marcador de identidade na música brasileira, explorando a “estética do diverso”, onde esse discurso de “essência do brasileiro” constitui ainda uma reprodução da imagem construída na pós-colonialidade. Esse conceito seria o desdobramento de outro conceito chamado de *orientalismo*, desenvolvido e abordado por Said e Schwab, e que seria uma forma de observar e representar de forma exótica o que está fora da visão eurocêntrica e serve de base para a dominação cultural do “outro”, pois torna fixa e essencialista a cultura dos povos dominados, voltado para mercantilização da identidade e consumo deste exótico. Torna-se então, através da aceitação e reprodução de ambos, a identidade dos povos colonizados. Mas também o *orientalismo* pode ser usado politicamente para afirmação e contestação pelos próprios “orientais”, nesse caso a música brasileira ou os brasileiros, que utilizam esse conceito em benefício próprio para ganhar força

e espaço no mercado de bens simbólicos. (Schwabe, 1984; Fox, 1992; Freitas, 1998; Hall, 1996; Machado, 2009; Said, 1990).

Porém, a atual formação da banda conta com apenas um brasileiro (Leonardo, cantor), sendo o restante de portugueses e, às vezes, com algumas participações especiais do brasileiro Gustavo (Acordeão). O fato curioso do concerto atual da banda é que possui um direcionamento para o público português e não para o brasileiro, pois a escolha do repertório é feita de músicas brasileiras que fizeram sucesso principalmente em trilhas de novelas brasileiras que passaram aqui em Portugal. Também conta com sucessos atuais do sertanejo, pagode e música baiana. A MPB e a bossa nova não constam mais no repertório. Sobre este direcionamento das festas o Gustavo mencionou:

Cristóvão: Como tu enxergas o teu público: Mais brasileiros ou de outros países?

Gustavo: [...] Eu trabalhei agora com uma banda, eu trabalho ainda e essa banda é de música brasileira mas é uma banda que toca mais para portugueses... onde eu tocava com essa banda, geralmente o público era português, porque nós tocávamos mais fora de Coimbra e tem festas que são organizadas que são voltadas para o público brasileiro, aí predomina o público brasileiro.

Também sobre esta atual formação da banda, o cantor brasileiro Leonardo, de nome artístico Leo Like, disse:

[...] na minha banda, a banda que eu estou tocando, hoje em dia, no momento, em formações para tocar em bares, coisa assim, só tem eu de brasileiro e o restante são portugueses. Para mim é uma honra olhar para trás e ver a lusofonia pura ali, tipo porra são músicos brasileiros tocando música... portugueses tocando música brasileira. [...]

Mais recentemente a banda seguiu um direcionamento voltado mais ainda para o gosto musical do público português, adicionando o gênero *Kizomba* da Angola no repertório e nos slogans dos eventos, pois é um gênero muito apreciado pelos amantes portugueses da dança, o que nos faz perceber que a banda segue um direcionamento de mercado voltado especificamente para Portugal, como foi comentado pelo cantor Leo Like na entrevista:

Cristóvão: Hoje o teu público ele é mais brasileiro ou de outros países assim?

Leo: O meu público a maioria é o público português.

Vou tratar mais um pouco sobre o assunto no capítulo “identidade para o mercado”.

3.3.4 Os forrós do Centro Cultural Dom Dinis

Seguindo o roteiro de festas brasileiras, a Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros (APEB) começou a organizar eventos voltados para a integração do público brasileiro e também de outras nacionalidades, com a temática específica do forró, seguindo a lógica das festas universitárias que existe no Brasil, onde os estudantes fazem festas nas universidades com este formato. O local escolhido foi o Centro Cultural Dom Dinis, onde alguns anos antes já havia este mesmo tipo de festa, segundo algumas conversas que tive. Foram festas que aconteceram quase sempre aos Sábados pela parte da noite, nos dias: Sábado 27 de Fevereiro, Sexta 18 de março, sábado 2 de abril, Sábado 9 de Abril, Sábado 16 de Abril e sábado 23 de Abril (ultima festa).

O ponto interessante é que a primeira festa teve como atração inaugural uma banda de forró vinda da Itália e formada por Italianos. Segundo um dos organizadores esta era uma estratégia para começar a sequência de eventos em grande estilo. Depois as outras contaram com o mesmo grupo de músicos locais que faz concertos no RS, com Hélio Santana (voz e guitarra elétrica), Gustavo Flores (acordeão e voz) e João Shorty (baterista). Apesar de ser uma festa voltada inicialmente para o forró, outros ritmos apareciam no repertório, como rock e sertanejo.



Imagem 6: Forró no Centro Cultural Dom Dinis.

O público era formado por várias nacionalidades, mas principalmente pela maioria de brasileiros. Era comum ver pessoas de outras nacionalidades com muito interesse em aprender a dançar forró, fato que vou abordar melhor no tópico das coreografias mais à frente.

O público foi decaindo a cada edição e na ultima havia pouca gente. Em algumas conversas

para descobrir o motivo surgiram algumas hipóteses: uma era a época de muita chuva e frio, outra era que por ser a mesma banda e repertório, o público foi perdendo o interesse.

3.3.5 O Grupo Samba Sem Fronteiras

O Salão Brazil é um espaço que, apesar do nome, não é voltado unicamente para música brasileira, como alguns ainda pensam, mas principalmente para grupos de fora da cidade e do país, ou para bandas locais com composições próprias. Habitualmente conta com atrações de jazz, bandas de rock e outras propostas não mercadológicas. Fica situado na região da chamada “baixa de Coimbra” e contou nos últimos anos com grande adesão de músicos e procura de um público, que considero como *coolhunters*, ou “os caçadores do cool” (Fontenelle, 2004), ou seja, aquele que está sempre a procura de atrações e eventos fora do mercado tradicional de consumo, somado ao conceito de novas tendências ou experimentações.

Mas o nosso foco aqui não é o lugar em si, mas os concertos do grupo Samba Sem Fronteiras, que é formado por cinco integrantes (quatro brasileiros e um português) e radicado na cidade do Porto, voltado para uma estética dita “tradicional” do samba, pagode e chorinho. Havia a promessa de, mais ou menos, uma vez por mês a banda apresentar-se aos Domingos por volta das 17:00 horas da tarde. Mesmo não sendo um grupo da cidade de Coimbra e não havendo apresentações tão constantes, mas devido a grande presença do nome deles nas entrevistas, foi preciso escrever sobre eles e o ambiente criado.

Então percebe-se que o grupo Samba Sem Fronteiras, com sua proposta de interpretação de sambas clássicos e algumas composições dentro desta estética musical, adequou-se perfeitamente aos tipos de eventos promovidos pelo Salão Brazil, que não estava voltado para o tipo de música brasileira com recorte mais voltado para o mercado atual, que faz mais parte daquele circuito que tratei anteriormente.

Quando perguntava sobre as festas brasileiras da cidade, geralmente o grupo era mencionado, por exemplo nesta entrevista com o professor e aluno de intercâmbio no doutoramento, da cidade de Recife:

Cristóvão: Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para participar de uma “festa brasileira”?

Jamerson: para dizer a verdade, quando eu vim, eu vim um pouco na missão de não necessariamente ir tanto para as festas brasileiras. Eu sempre tento conhecer o máximo

da cultura local. Porque na medida que você termina se restringindo só para aquilo que é comum a você, você termina se limitando. Eu não quero ser preconceituoso, mas é isso, você acaba se limitando. Porém com o passar do tempo, por ser uma cidade menor, por ser uma cidade de características mais específicas, eu comecei a sentir falta fazer e de ter algumas atividades e terminei me rendendo, vou dizer assim, às estas festas. Então o local, o Salão Brasil é um, o Centro Cultural Dom Dinis é outro, que eu já fui muito e terminei indo nessa iniciativa, nessa intenção.

Como o grupo constrói um repertório e estética de apresentação (tocam ao redor de uma mesa de bar, no meio do público) mais voltado ao samba “clássico”, percebi que o público geralmente era composto por pessoas de uma faixa etária levemente mais avançada que o público de outras festas brasileiras. Também notei em algumas conversas que o público era mais voltado para ouvir especificamente este tipo de repertório, menos disposto ao repertório generalista das outras festas, como podemos perceber na entrevista com a professora universitária e aluna do intercâmbio do doutoramento (CES):

Ludmila: [...] Se você for aos concertos, por exemplo, do Samba Sem Fronteiras, que é o grupo que eu acompanho mais, é um concerto que tem início, meio e fim. Eles também aceitam sugestões de músicas? Aceitam! Mas eles tem um repertório, eles sabem o que ver, eles ensaiam... Tem uma harmonia, se é que eu posso usar essa palavra, mas nos outros não, chegava um ponto que quem dita a regra é o público. [...]

Talvez seja esta a explicação da grande receptividade deste grupo, que mesmo fazendo um concerto por mês, teve tantos seguidores: um repertório específico para um público que não consome aquele tipo de música abordada nos meios tradicionais mercadológicos. Também pode ser que o recorte estético do repertório agrade justamente o público que possui uma construção do gosto (Bourdieu, 2007) voltado à intelectualidade ou pessoas do círculo acadêmico. A maior parte do público que encontrei era do doutoramento. Coincidência? Vamos tratar mais deste assunto no capítulo voltado para a “música no ambiente acadêmico”.

4. POR UMA ANTROPOLOGIA DA MÚSICA

*Tem gente de toda cor
Tem raça de toda fé
Guitarras de rock'n roll
Batuque de candomblé
Vai lá, para ver
A tribo se balançar
E o chão da terra tremer
Mãe Preta de lá mandou chamar*
Festa. Ivete Sangalo (Composição: Anderson Cunha)

4.1 A música na Antropologia

Já percebemos que basicamente este trabalho gira em torno de um tema central: A música. Com grande abrangência, ela pode ser estudada de inúmeras formas: as técnicas específicas para tocar instrumentos musicais, o percurso histórico da música, como ferramenta de aprendizagem de crianças a adultos, as influências na moda, as canções de intervenção (protesto), as terapias musicais com fins medicinais, engenharia acústica de estúdios e uma infinidade de outras formas de pesquisa. No caso da antropologia, convém definir alguns contornos e tomar alguns cuidados metodológicos e de análise.

A sua significativa presença nos mais variados contextos da sociedade, sendo uma das mais abstratas e imateriais formas de expressão artística, através de seus sistemas internos de codificação e significados, acaba por evocar emoções, reflexões e a ações, constituindo assim forte enzima de sociabilidade, o que é interessante para as ciências sociais. Para além das discussões a respeito da natureza da música, a origem histórica, o conceito de obra de arte, alegadas diferenças estéticas entre música popular e a clássica, o objetivo deste trabalho é mais voltado para a dimensão cultural da música, as pessoas que ouvem, cantam e dançam, as formas como o fazem e as razões de tais práticas, as relações sociais e culturais que elas implicam e as experiências sensoriais e cognitivas que elas constituem (Campos, 2007; Small, 1998).

A antropologia da música, ao dirigir os seus campos de análise, pode ser entendida como de natureza híbrida, ora a pesquisar os conteúdos da musicologia, ora trabalhando com a epistemologia interpretativa da antropologia, assumindo neste caso a designação específica de *etnomusicologia*. É

bom alertar também sobre algumas confusões frequentes e o que não é pretendido neste ramo de pesquisa, como por exemplo produzir juízos de valor relativos à estética musical ou procurar o verdadeiro significado das obras, a análise apenas das letras descoladas do som, como se saber ler partitura fosse pré-condição para o estudo ou ainda que a etnomusicologia só estuda as músicas de tribos ou comunidades distantes. A questão aqui é aceitar que o trabalho artístico existe e o que as pessoas acreditam que significa, como é que este significado influencia as suas respostas, a forma como a praticam e com ela se relacionam (Campos, 2007; Pinto, 2001; Weber, 1998).



Imagem 7: Coreografia de “quadrilha junina”.

4.2 Música Brasileira

Chegamos ao ponto que acho ser o veículo principal que conduz a identidade brasileira através dos espaços internacionais: a música. Após apresentar o contexto mundial (da modernidade líquida e capitalismo tardio), das migrações (entre países e entre Brasil e Portugal), o contexto local (a cidade e a Universidade de Coimbra) e os locais frequentados pelos imigrantes brasileiros, chegamos ao ponto de perceber que, ao vermos até festas com música brasileira voltada para portugueses, o veículo cultural deste trabalho fica mais aparente ainda: a música brasileira.

Primeiramente convém apresentar algumas diferenciações entre a “música brasileira” e as “músicas de outras nacionalidades”, através das narrativas e impressões obtidas no campo. Desta forma podemos analisar, através da etnomusicologia, a música no contexto imigratório como marcador de identidade de grupo pois serve para unir as pessoas e fortalecer uma comunidade, consoante o uso dos termos de referência como “nós” e “outros”, os símbolos musicais indicam pertença e também dissociação. Ao assinalar o “nós”, realçamos “os outros”. (Lundberg, 2010; Ronström, 1996). Para isso, nas entrevistas, eu perguntava aos interlocutores o que achavam da

música brasileira. Como aqui em entrevista com o estudante português:

Cristóvão: Qual a tua opinião sobre a música brasileira que é tocada aqui?

Alexandre: Ah é... o que que eu ia dizer... é muito alegre, ao contrário da música mais portuguesa que é mais triste talvez. Então existe esse contraste.

Nesse contexto multicultural temos uma arena na qual muitos grupos diferentes desenvolvem estratégias visando reconhecimento, onde os músicos têm estatuto importante enquanto detentores e intérpretes qualificados das identidades culturais dos seus grupos (Lundberg, 2010). Então fica evidente termos a opinião dos músicos sobre o que é a música brasileira em diferenciação aos géneros musicais de outros países, no caso aqui a opinião do guitarrista brasileiro:

Hélio: [...] Atenção: a bossa-nova, a música brasileira ela é conhecida no mundo pelo ritmo. Engana-se muitas pessoas que falam que aquilo é por causa dos acordes e tal... [...] Mas é o ritmo, se ela tem ritmo, se você coloca uma caixinha de ritmo ali e você vai para a Inglaterra ou qualquer país desse, do fim do mundo, ele sabe que você é brasileiro.”

Cristóvão: Então a musica brasileira chama a atenção, mesmo que a pessoa não entenda a letra, pelo balanço?

Hélio: É... a música brasileira é o balanço, eu tenho quase certeza. Porque o mundo inteiro sabe da alegria nossa, do nosso país. Então quando pensam em música brasileira, pensa em balanço.

Para além dos conceitos clássicos já tratados como do brasileiro alegre, voltado para a *exotização* (tratado anteriormente), quando pensamos na música brasileira que é tocada na Europa, a ideia permeada pelo senso comum privilegia a circulação de géneros muito divulgados no passado como samba, movimento tropicalista e da bossa nova. Esta é a ideia que muitos conhecidos de outros países têm e ainda procuram em algumas festas. Entretanto quando chegamos em Coimbra, durante a vivência e pesquisa, perguntei qual era a visão de música brasileira que era imaginada aqui na Europa:

Hélio Santana: [...] quando eu saí de lá eu achava que teria que tocar só Bossa-nova, porque eu vou para a Europa e tal... me ferrei mesmo porque não era nada disso.

Então percebemos o choque entre aquela visão do que seria consumido na Europa através do modelo antigo de circulação de bens musicais com formato analógico (discos de vinil e “fitas K-7”) e o novo modelo de circulação baseado nos formatos digitais (Mp3, *wave*, etc) que podem ser transportados em discos compactos (CDs ou DVDs), dispositivos de armazenamento portáteis (*pen drive*), ou através dos *downloads* na Internet. Esta forma de troca de informação moderna e líquida, aliada ao mercado que constrói tanto o produto musical quanto o público que vai consumir, adicionou novos elementos e conceções aquela ideia que existia na Europa, em Portugal. A influência das

músicas e artistas apresentados nas bandas sonoras (trilhas) de telenovelas brasileiras que começaram a ser bastante difundidas em Portugal, juntamente com novos géneros musicais que começaram a fazer sucesso no Brasil fez com que os dois mercados ficassem cada vez mais próximos. Desta forma a *bossa nova*, o *samba* e o *movimento tropicalista* perderam espaço para o *funk carioca*, o *sertanejo universitário* e o *axé music* (Vianna, 2000; Bauman, 2001; Campos, 2007).

Uma característica que distingue um género musical, para além do som e seus significados culturais, diz respeito à cultura material, ou seja, aos instrumentos musicais considerados característicos. Um *pandeiro*, um *cavaquinho*, um *tantam* e outros considerados tipicamente brasileiros, mesmo que seu percurso histórico aponte para outras origens, são vistos por carregarem traços e símbolos de uma identidade. Na visão de Bruno Latour (1994) estes são considerados *híbridos*, pois fluem pelas redes de sociabilidade, sendo reais e autônomos, justamente por estarem conectados com elementos materiais e imateriais do nosso coletivo e inseridos no dia a dia. Uma marca dessa independência dos *híbridos*, no caso o *cavaquinho*, é que independente da nacionalidade de quem toque, um grupo de pagode tem quase a obrigação de ter um. Um trecho da entrevista com o músico e cantor português sobre o início da banda Pé de Samba pode ilustrar isto:

Hugo: [...] *um dia resolveram formar uma banda e me chamaram; falaram com o dono do bar, aí o dono do bar disse “Então arruma aí uma banda brasileira e vamos fazer uma festa brasileira aqui”. Aí os dois falaram “Olha! Tem um cara que toca cavaco mas tem um problema...”, aí o dono “mas qual o problema?”, “é que ele é português” (risos), “Ué? Mas ele é português, mas toca cavaco?”, “toca...”, “Então vamos experimentar fazer essa banda aí”. Então marcamos um concerto e começamos aí então a montar o grupo “Pé de Samba” que é o grupo que nós temos até hoje.*

Então temos a música brasileira com suas características materiais e imateriais, conjugando seus próprios marcadores de identidade, independentemente da nacionalidade de quem a faça.

4.3 A música que chega aqui

A música brasileira que chega aqui em Coimbra segue diferentes recortes que são organizados segundo a visão dos atores envolvidos, no caso a comunicação social de massa, os músicos e demais envolvidos com a atividade musical. De um universo musical muito amplo produzido no Brasil, são evitados alguns marcadores de identidades mais específicos de cada região, como géneros musicais locais não conhecidos pelo resto do Brasil. Essa construção de repertório segue com a escolha do que mais conhecido dentro do próprio Brasil, como explica o músico brasileiro Celso:

Cristovão: *Então no teu repertório tu consegues abordar música de todo o Brasil ou as músicas que estão mais conhecidas?*

Celso M: *Não. O meu repertório tem músicas de quase todo o Brasil. Dentre elas, na sua grande maioria, são músicas bem conhecidas. Mas eu arrisco dizer que eu toco músicas do Sul, do Nordeste, do Sudeste, do Centro-Oeste, e talvez menos do Norte. Menos do Norte. Do Norte e do Sul. Mas menos ainda do Norte, entendeu? Mas tá tudo misturado dentro desse repertório que eu acredito que seja bacana e ideal para ser tocado aqui em Portugal.*

Essa escolha do repertório procura conjugar tanto o que foi sucesso no Brasil, nas regiões hegemónicas de exportação musical, privilegiando menos Sul e Norte. Por outro lado, como marcador identitário, o facto de ser música mais geral e não regional acaba por acentuar mais a identidade brasileira e o sentido de pertença. Podemos entender isso no trecho de entrevista com uma estudante brasileira do Norte:

Cristovao: *Festa de música brasileira lá no Brasil é diferente das festas daqui?*

Anna: *É (risos)! Completamente! Porque lá são algumas músicas mais atuais e muitas vezes mais regionais. Aqui é assim “mais geral”, mais música antiga que todo mundo conhece, música que fez muito sucesso em todo o Brasil e tal.*

Esse recorte do repertório das festas também segue um direcionamento que possa agradar os portugueses, pois geralmente insere músicas que sejam conhecidas do público português, ou até algumas músicas brasileiras que fizeram mais sucesso em Portugal que no Brasil. É comum notar em conversas com brasileiros que há um espanto sobre o fato de que algumas músicas ainda fazem sucesso com os portugueses, pois já saíram do circuito comercial no Brasil. Como explicou o baterista português João, da banda de música brasileira voltada para portugueses:

João Machado: *Hoje em dia, se calhar, a maior parte do pessoal, quando tu puxas um Netinho, toda gente conhece, toda gente bate palmas. Puxas uma Ivete Sangalo ou uma Daniela Mercury, por exemplo, Daniela Mercury tem um impacto em Portugal que nem os brasileiros imaginam o que é que foi.*

Temos então as festas brasileiras aqui de Coimbra são o resultado das forças do mercado da indústria cultural de massas presente no Brasil, que através de meios como jornais, Internet, gravadoras, revistas, programas de televisão (telenovelas) e rádio, exportam para Portugal estes símbolos culturais, que são reprocessados e absorvidos pelo mercado da indústria cultural de massas português, onde ambos os meios são resultados e consequências de tendências globalizantes e *desencaixadoras* do capitalismo tardio (Giddens, 2002; Morin, 1962; Adorno & Horkheimer, 1995). Mais precisamente sobre a liquidez de informação que a Internet proporciona, o músico Celso explicou:

Celso M: Eu acho que a Internet colaborou muito para essa mudança. Hoje o cara faz uma música hoje e amanhã o Português pode estar conhecendo essa música. O cara faz hoje, coloca na Internet, amanhã ele vai estar sabendo que existe aquela música. Então a Internet popularizou muito isso. Então eu acho que hoje a diferença é essa, que toca-se muito de tudo em Portugal também graças a Internet e graças também a esse êxodo. Muitos brasileiros vieram para cá.”

O resultado desse processo pode ser melhor compreendido neste trecho da entrevista com o músico brasileiro Celso, onde fala sobre a diferença entre música brasileira no Brasil, na Europa e em Portugal:

Cristóvão: Como é o teu repertório aqui, assim? O que que ele mudou assim a tua visão aqui?

Celso: O que mudou o repertório da Europa pro Brasil... tem uma mudança significativa. Por exemplo, aqui na Europa você toca muita Bossa Nova. No Brasil você não toca muito a Bossa Nova. A não ser se você está no Rio de Janeiro, na Lapa, por exemplo. Eu não estou dizendo que em Belo Horizonte não se toca Bossa Nova, entendeu? Mas é numa escala bem menor. Agora aqui em Portugal você toca Bossa Nova e você toca outras coisas, você toca músicas baianas, por exemplo, axé music, mas assim, na Inglaterra, na França, em Luxemburgo, países onde eu passei, essencialmente tocava Bossa Nova. Samba e Bossa Nova. Era música mais intelectualizada, vamos dizer assim.”

O resultado final desse repertório é a consequência da somatória de alguns fatores: o mercado da indústria de bens culturais de massas do Brasil, seguido pela indústria de bens culturais de massas de Portugal, a receptividade do público e a estratégia dos músicos voltada para a identidade, e para o mercado.

4.4 O Músico e o Mercado

Sendo o músico uma peça fundamental neste processo, convém analisar as narrativas sobre o seu trabalho, que no caso de Coimbra o mais encontrado nos espaços voltados para a música brasileira é o *cover*, ou seja, interpretação ou reprodução de composições famosas de outros artistas. Assim, nós podemos até encontrar músicos voltados para direcionamentos artísticos desligados para o mercado, mas aqui em Coimbra o mais comum é um trabalho voltado para atender aos anseios do público, que já tem o seu gosto construído, seja ligado ao direcionamento do mercado ou outros (Bourdieu, 1996). Através deste trecho de entrevista podemos compreender este processo:

Cristóvão: Como era a tua visão de música brasileira no Brasil e como é agora em Portugal? Mudou a tua visão?

Gustavo: *Essa pergunta é um pouco ampla porque a minha visão de música brasileira ela vai variar conforme a ocasião. Porque, a gente que toca, a gente sabe que às vezes a gente não toca aquilo que a gente gosta. Para não dizer na maioria das vezes. A gente que trabalha com música sabe.*

Os mercados atuais procuram moldar não só o consumo mas também monopolizar as condições da produção com seus imperativos de expansão contínua, promovendo os seus produtos e deixando os antigos ou tradicionais como marcas do passado. Essa expansão capitalista coloca uma boa parte dos setores da reprodução social nas mãos dos mercados de produtos e de trabalho. Desta forma produzir novos produtos musicais fora do monopólio das grandes gravadoras é um obstáculo, tornando mais fácil o trabalho da reprodução do que estas gravadoras produziram (Bourdieu, 1996; Giddens, 2002; Adorno, 2002). Na entrevista com o Hélio, ele explicou o motivo de não trabalhar com músicas originais (trabalho autoral):

Hélio: *O trabalho autoral ele requer... vamos falar assim, de forma grossa para você... muito dinheiro para investir. [...] Você trabalhar com música autoral, para você editar um disco, é a mesma coisa que você montar um produto para ti. Eu não acredito naquela coisa de você gravar um álbum, um disco lá no computador, ou então pagar um zé das quantas para gravar proê e sair com ele debaixo do braço para tentar procurar alguém.[...] Eles querem, a indústria hoje em dia, querem dinheiro. [...] Se você acredita no seu produto então monta o seu bar, você vai gravar o seu disco, seu álbum, você gasta 10 ou 20 mil euros num bom disco, vai gastar mais uns 10 mil na distribuição, mais uns 10 em divulgação, numa produtora, para você começar a colher depois para fazer os seus shows.*

Por fim temos a confirmação do motivo de trabalhar com cover:

Cristóvão: *Então para quem não tem essa grana para investir, tu acha que o cover então é mais fácil de trabalhar? Tu achas que é mais fácil...?*

Hélio: *É o cover. você tem que trabalhar como se fosse um empregado da música, você é um funcionário da música. Você é um funcionário daquela música então você não pode tocar o que você quer. Você tem que tocar o que as pessoas querem ouvir.*

Esta forma de trabalhar com covers, é um exemplo da modernidade líquida, com músicas feitas para durarem uma temporada apenas, com repertório flexível, podendo ser reproduzido em vários bares, focado no presente e recompensado de forma instantânea, rápida, leve e fluida, onde o capital ganho vai servir para pagar as obrigações imediatas de alimentação, renda da casa, luz, etc. O trabalho da música de originais (autoral) visto como *sólido* na visão de Bauman (2001) é dispensado no contexto do mercado da indústria cultural atual (Adorno, 2002). Esta questão aliada ao gosto musical de quem faz a música, o baterista português João Machado explicou sobre a inserção no

mercado de trabalho da música brasileira:

João: “[...] *Eu não minto: eu estou no Orango porque preciso de dinheiro, ponto. Não é a cena com que mais me identifico ou que morra de amores por aquilo, não.*[...]”

Cristóvão: *Então tu acha que há uma força do mercado para tocar sertanejo, para tocar, agradar esse público novo?*

João: *Sem dúvida. Até a kizomba por exemplo.*

A atividade musical e o repertório seguem direcionados ao *exotismo* como marcador de identidade, naquele termo utilizado por Igor Machado de *identidade para o mercado*, onde o músico escolhe músicas voltadas para o reforço da imagem dos estereótipos do Brasil para confirmar os anseios do público. Em entrevista com o cantor Leo Like, o mesmo explicou isso:

Leo: [...] *quando fala de samba, o pessoal lembra logo de Carmem Miranda, né? Foi ela que, aquela baixinha, que é portuguesa... Você já dá para notar como é que o mundo enxerga o Brasil. Enxerga o brasileiro, aquela coisa tipo tropical, é alegre, feliz, sua música é para cima, assim como o mundo enxerga, e quando eles, quando você chega com a música brasileira eles esperam isso de você. Eles esperam de você.*

Este processo é bem explicado no capítulo destinado à banda Orango Samba.

4.5 A dialética do Gosto musical

De certo, o público não é uma massa homogênea, onde todos têm os mesmos anseios. Também não formam um único grupo, pois o que existe são formações de vários grupos e redes de sociabilidade. Cada indivíduo, achando-se pertencente à um grupo, pode coincidir com a construção de gostos específicos e diferentes entre si (Latour, 2012; Bourdieu, 1996). Assim temos que um público pode gostar mais de uma apresentação musical ou mais de outra, dependendo do recorte de repertório e da sua construção de gosto musical.

Como estudante aqui em Coimbra, era comum ouvir os comentários a respeito das atrações musicais, seja da forma de gostar ou não. Na antropologia da música, na etnomusicologia, o julgamento estético da música não é o objetivo, mas também não podemos deixar de fora os discursos e críticas em relação à construção de repertório encontrada em Coimbra, tanto do público quanto dos próprios músicos. Podemos começar com a análise feita pelo Celso da música brasileira que chega à

Portugal:

Cristóvão: *E quando tu veio, digamos imediatamente, de lá para cá para Portugal, como tu começou a enxergar essa música brasileira aqui? Como é que ficou assim essa ideia da música brasileira?*

Celso: *Aqui em Portugal a música perde um pouco a qualidade. Do ponto de vista do repertório. Ou seja, você toca aquilo que você julga que não é muito bom e música é gosto, não é? Talvez o meu não muito bom é excelente para outro cidadão. Só que eu toco músicas aqui em Portugal que talvez eu não tocaria no Brasil e que talvez eu não tocaria na Inglaterra por exemplo.*

Então podemos fazer uma interpretação onde o gosto musical pode direcionar diferentes recortes de repertório, em diferentes países. Não só isso, mas também cada indivíduo pode ter um gosto musical com recorte preferido dentro de um gênero específico, como explicado aqui neste trecho, onde há a oposição entre o chamado forró *tradicional* de Luiz Gonzaga e o forró mais moderno e comercial do Wesley Safadão (cantor com sucesso atualmente no Brasil):

Cristóvão: *Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para participar de uma “festa brasileira”?*

Ludmila: *Olha essa é uma boa pergunta. O que eu busco, se for, se eu sei que é uma festa brasileira, é “quem vai tocar”, “quem são os músicos”, por que aí já me diz mais ou menos o que linha é que esse grupo vai... do que eu já gostava lá. [...] Mas se eu vejo uma chamada de um forró, que eu adoro forró também, e que tem lá além de tocar Luiz Gonzaga, forró pé-de-serra, mas vai tocar o Wesley Safadão... aí eu já fico... Sem vontade de ir (gesto negativo e risos).*

Ou seja, percebemos que essa mercantilização musical não direciona todo o público, pois ainda há uma parcela que faz oposição e é voltada exatamente para outras produções, tanto de diferentes épocas, quanto de estilo. Em uma primeira análise esta oposição ao mercado é vista como influência da construção intelectual adquirida através da academia, constituindo o que também podemos chamar de *distinção*, onde as escolhas de bens artísticos são feitas no seio de uma sociedade voltada para uma hierarquização simbólica (Bourdieu, 2007). Em entrevista com o Boaventura (jornalista e aluno do doutoramento) de Moçambique temos uma interessante posição:

Cristóvão: *Quais os estilos musicais brasileiros que tu mais gostas e os que tu menos gostas?*

Boaventura: *Eu gosto mais de Música Popular Brasileira, apesar de em muitos casos de popular é pouco. Normalmente agora a MPB se tornou música de elite, música para intelectual e acho que não chega muito, acho que perdeu a qualidade de popular e, portanto, mas também gosto de forró, gosto de uma boa... gosto de ouvir bossa nova etc. E não gosto de funk brasileiro e daquilo que se chama sertanejo de universidade, né?*

Dentro desse universo da música brasileira também podemos ter uma diferenciação entre os modos de uso entre a música comercial e a música dita mais clássica. Na entrevista com a Esperança

(aluna brasileira do doutoramento) ela fala sobre essa diferença:

Cristóvão: Tem diferença da música brasileira que tu ouve na festa da música brasileira que tu ouve na tua casa?

Esperança: Tem. Bastante.

Cristóvão: Qual é a diferença assim basicamente?

Esperança: Eu diria que na minha casa eu vou um pouco mais pros clássicos da música brasileira, da bossa-nova, da música popular brasileira, do samba, do samba de raiz, do forró de raiz, do que necessariamente as músicas consumíveis. Assim... do que as músicas que são comerciais, que são para agradar um grande público, mas que são essas músicas menos profundas em termos de letras, em termos de melodia, músicas menos complexas, músicas mais assim... a gente chama de “música chiclete”, aquela que é para pegar, que é para você curtir, cantar aquele refrão, extravasar, mas que não é necessariamente aquilo que você vai consumir dentro de casa, né? N’um momento de leitura, n’um momento de relaxamento, não é exatamente o que eu escuto.

Então temos aqui uma forma de conciliar a música brasileira direcionada para os seus ambientes mais propícios como a música mais comercial voltada para os momentos de festa e dança e as mais clássicas voltadas para outros momentos onde possa ser mais apreciada. Além disso, também há uma forma de consumo da música comercial independentemente da construção do gosto musical intelectualizado, voltado para uma espécie de combate à solidão e saudade de casa, como neste trecho bem elucidativo com a Adriana Moro:

Adriana: Eu me pego ouvindo Wesley Safadão e quem pega o meu computador acha ridículo, ridículo! Porque tipo “Nossa! Você escutando isso?” porque parece assim “pô! Você tá fazendo doutorado na área das ciências sociais, você não pode escutar Wesley Safadão, não pode escutar Anitta...” as pessoas tem muito preconceito em relação aos estilos musicais no Brasil. Isso é uma coisa interessante.

Cristóvão: “E ... então por ser uma cidade de estudantes tu acha essa ... há um choque entre essa vida acadêmica e essa música mais de mercado? Assim, tu acha que há uma ...um preconceito contra estes estilos musicais?”

Adriana: “Existe. O preconceito, mas o preconceito está muito mais relacionado aos próprios brasileiros que vem pra cá e trazem o preconceito deles esperando as coisas e se rotulam como tal, entendeu? Porque eu tenho que ser intelectual então eu tenho que escutar só Caetano Veloso, e Toquinho, eu gosto, entendeu? Eu gosto, eu escuto, mas eu acho que isso é uma coisa interessante também. Como aqui eu vivo mais sozinha e estou longe da minha família, eu tento não escutar tantas músicas mais é... melancólicas e aí você vai para as músicas mais comerciais que são músicas que tem um ritmo, a batida da música faz com que o teu coração bata de uma forma diferenciada. É muito interessante.

5. LUSOFONIAS (ou SOTAQUES)

*Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E - xeque-mate - explique-nos Luanda*

Caetano Veloso. Língua

5.1 A língua Portuguesa

Primeiramente temos que destacar a forma como a língua portuguesa permeou este trabalho e permitiu a comunicação entre os nacionais e os imigrantes de vários continentes e países, tanto através das conversas e entrevistas, quanto através das músicas, sejam elas portuguesas, brasileiras ou angolanas. Na atividade musical, para além do som, ela tem a função de estabelecer comunicação, como explicou o músico Celso:

Cristóvão: Como é a recetividade da música brasileira em português por aqueles que não falam português? Então essa tua experiência na Inglaterra e agora aqui em Portugal...

Celso: Você cantar e saber que está sendo compreendido é muito bom. Apesar que a música é universal. Cantar na Inglaterra coisas que 99% deles não estão entendendo nada aí a música passa para um outro universo, passa para um universo da pulsação, do ritmo, da música, né? Ele não está entendendo mas ele está sentindo aquilo.

Mas para além da língua portuguesa “padrão”, nós sabemos das variações que ela apresenta, pois, toda língua viva apresenta uma propriedade chamada *variedades geográficas*, isto é, a diversidade linguística motivada pela coexistência de formas que alternam no uso, explicáveis por fatores históricos, geográficos, sociais e situacionais. Esta variação existe em vários níveis - fonético, fonológico (incluindo prosódico), morfológico, sintático, semântico e lexical – sendo, contudo, a nível da fonética, do léxico e, em certos casos, da prosódia que ela é mais imediatamente reconhecida pelos falantes (Segura, 2013). A prosódia é a soma de entonação mais ênfase, ou seja, o sotaque, que acredito ser um dos marcadores de identidade mais importantes nos reconhecimentos de regiões e áreas de origem.

Posso arriscar dizer que depois de um certo tempo aqui em Coimbra, até de olhos fechados é bem possível distinguir de onde a pessoa vem. Para além do sotaque português e dos sotaques angolanos e demais países, vamos focar no sotaque brasileiro e nas relações estabelecidas através dele. Aqui nesta entrevista com o estudante português de como a representação de alegria pode

transparecer através do sotaque:

Cristóvão: O que é para ti um brasileiro? O que que te vem na mente?

Alexandre: [...] E depois são muito simpáticos, acho que até na linguagem ajuda muito nisso, a linguagem brasileira é muito agradável comparada por exemplo com a portuguesa que acho que é muito mais séria. E por até sempre agradável ouvir alguém a falar brasileiro.

5.2 Sotaque(s) Brasileiro(s)

A grande variedade fenotípica apresentada no Brasil acaba por dificultar no campo de observação das festas a origem, a nacionalidade, ou seja, quem é brasileiro e quem não é. Conversando sobre como é feita a distinção de um brasileiro em uma festa, o jornalista moçambicano Boaventura disse:

Cristóvão: Tu diferencias pela dança então?

Boaventura: Sim. É um dos elementos que faz diferenciar, mas evidentemente também ouvindo as pessoas. Ouvindo a forma de falar, não é? Eu próprio já fui confundido com brasileiro pela, evidentemente pela... porque sou negro e há muitos negros no Brasil e as pessoas só se deram conta que não era quando abri a boca.

Entre os brasileiros, o sotaque é um dos marcadores de identidade, talvez mais até do que a questão racial, pois tanto nas conversas informais quanto nas entrevistas, a forma de identificação de origem, seja de nacionalidade ou de região do Brasil, mais citada era o sotaque, como podemos ver nesta com a estudante brasileira do Norte:

Cristóvão: Sobre o público brasileiro: tu enxergas diferença entre pessoas de regiões diferentes?

Anna: Algumas. Não tem muito assim. Principalmente pelo sotaque. Você ouvindo o sotaque, você consegue diferenciar de onde a pessoa é. Mas acho que aparência não. Fora isso não tem muita diferença.

Percebemos aqui que a cor da pele não é a característica mais distinguível do brasileiro, como alguns ainda podem pensar. O sotaque de um país altamente miscigenado e criado sobre colonização, tráfico e povoamento de diversos povos não é possível através apenas da cor da pele. Outra forma de diferenciar é o uso de expressões típicas do seu local de origem, como explicado pela estudante

brasileira do Sudeste:

Cristóvão: Como é então que tu diferencia o pessoal que é de outra região? Assim qual é a tua “técnica”?

Esperança: Bom... sotaque é uma coisa bastante marcante, né? E isso aí é o que grita mais alto, quando a gente vai identificar alguém de outra região. Acho que também a escolha de vocabulário, não é só o sotaque em si, mas é a escolha das palavras, o modo como a gente constrói as frases também ajuda a identificar.

Nos ambientes de festa, ou até no cotidiano, percebi como a exacerbação destes sotaques e usos de expressões locais serve para gerar um tom descontraído nas conversas, evocar o orgulho da cultura da respetiva cidade ou região ou até como representação de auto-identidade.

5.3 Português com sotaque brasileiro

Um fato interessante que surgiu ao longo da pesquisa de campo foi ter encontrado dois portugueses ligados à música que falavam com sotaque brasileiro, mas sem a conotação de humor, ou imitar no sentido pejorativo, pois eu já encontrei vários. Mas realmente ao ter um contato maior com eles percebi que o uso do sotaque vinha de um desenvolvimento de linguagem mesmo. Para entendermos, aqui nesta entrevista percebemos o percurso que levou um dos nossos interlocutores a desenvolver esse sotaque, o músico português Hugo:

Cristóvão: Como aconteceu o teu contacto com a música brasileira e porque tocar música brasileira?

Hugo: [...] Porque eu entrei para a capoeira eu tinha 24 anos e a capoeira ela transmite muita cultura brasileira incluindo também o sotaque, como vocês veem que eu sou português e sei falar os dois sotaques, tanto o português quanto o sotaque brasileiro mas no caso eu consigo falar tranquilamente, eu acho, o sotaque brasileiro por causa da capoeira. Então junto com a capoeira vem a parte musical da capoeira, vem os instrumentos da capoeira, alguns deles são em comum com o samba e nós tocamos também na capoeira, temos o samba de roda que normalmente vem acoplado à capoeira... e daí o primeiro contacto foi com o pandeiro, que eu gostava muito do instrumento e comecei a tocar pandeiro, depois do pandeiro comecei a tocar outros sambas diferentes e depois comecei a querer tocar também o cavaquinho então foi por aí. Começou o meu contacto com a música brasileira nomeadamente com o samba.

Então o fato de desenvolver o sotaque brasileiro foi devido à inserção nos meios e contextos de cultura brasileira, como a capoeira e as rodas de samba, sendo uma forma de facilitação da comunicação com os brasileiros. Outro músico que conheci aqui em Coimbra que também usa o sotaque brasileiro, inclusive fazendo com que eu pensasse que ele era realmente brasileiro no início,

foi o João Machado, baterista da banda Orango Samba, que deu sua visão sobre o isso:

Cristóvão: Certo... o teu sotaque brasileiro, que às vezes tu fala com sotaque brasileiro, como tu enxergas esse sotaque? Porque tu desenvolveu esse sotaque?

João: Olha isso até pode ser uma coisa que até pode ser o ponto do teu trabalho que é: se tu te apresentares com sotaque brasileiro és muito mais facilmente inserido numa comunidade de brasileiros. [...] E há um quebra-gelo quando dizes que és português. Tem muita gente que não acreditava que eu era português e eu tinha que mostrar o cartão de cidadão e às vezes eles diziam “ah tu já estás cá a muito tempo então tens cartão de cidadão português pois já estás cá a muito tempo.”

Cristóvão: O sotaque é uma questão de aceitação?

João: Sim, sim, sim. No início foi. Hoje se calhar já nem utilizo tanto, não tenho essa necessidade, mas na altura estava constantemente com brasileiros, tinha uma relação com uma brasileira, morava propriamente em casa com ela e com pessoal brasileiro, trabalhava com brasileiros a noite, era quase uma ferramenta a utilizar quase de Segunda a segunda.

Mas para além de ser uma ferramenta de sociabilidade, também encontramos uma problemática referente a questão da identidade voltada para o grupo dos portugueses, mas também com os brasileiros, como bem explicou o Hugo:

Cristóvão: Como é ser português e tocar música brasileira assim... como é que tu enxerga isso?

Hugo: Como a gente fala aqui em Portugal, não sei se no Brasil também fala, é um pau de dois bicos, ou seja, a gente não fica... muitas vezes não fica bem visto nem nos portugueses nem nos brasileiros. Porque para um brasileiro a gente é um português metido a brasileiro. Para um português a gente é quase uma pessoa que está se despatriando, está perdendo a sua pátria, perdendo a sua identidade, “se você tá falando português pra quê você fala o sotaque brasileiro?”, “Ah porque eu facilito meu, é meu amigo porque é que eu não vou facilitar para ele entender? Se eu consigo falar de certa forma o sotaque brasileiro”.

A questão de encontrar brasileiros aqui em Portugal com sotaque português é até comum, pois adquirem o sotaque com o tempo, mas encontrar portugueses que moram aqui com sotaque brasileiro

merece destaque na pesquisa. Será que em outras cidades há mais?

6. A ARTE DO (des)ENCONTRO

*E por falar em beleza
Onde anda a canção
Que se ouvia na noite
Dos bares de então
Onde a gente ficava
Onde a gente se amava
Em total solidão*
Vinícius de Moraes. Onde anda você?

6.1 Brasileiros e o Mundo: A dança como ferramenta de inclusão

As festas brasileiras apresentam uma grande mistura de ritmos e gêneros, geralmente voltados para algum tipo de forma de dançar: desde o movimento do corpo feito de forma mais livre, com o objetivo de acompanhar o pulso, o ritmo, a levada da música, até o que podemos chamar de técnicas corporais específicas de cada gênero ou estilo musical. Enveredei então para uma etnografia da performance musical, onde amplio a análise da música enquanto “produto” para adentrarmos em um conceito onde a música pode ser capaz de gerar estruturas que atuam como processo de prática e significado social, dentro de um grupo ou comunidade (Pinto, 2001).

Entendo então que dentro do conceito de *performance musical* temos a dança, ou seja, um tipo de comportamento, uma maneira de viver experiências, tanto podem ser étnicas, quanto interculturais, históricas e sem história, estéticas e de caráter ritual, sociológicas e políticas, não se restringindo apenas a cerimônias, rituais, eventos musicais e teatrais, mas sim a muitos outros domínios da vida, seja ela tribal ou inserida no mundo industrial e moderno (Turner e Schechner, 1982; Pinto, 2001). Para ilustrar a dança como forma de comunicação social e cultural, podemos ver neste trecho de entrevista com uma professora e estudante brasileira como as pessoas de outras nacionalidades frequentam as festas para “conhecer melhor o Brasil” através da performance:

Cristóvão: Festa de música brasileira lá no Brasil é diferente das festas de música brasileira daqui?

Esperança: Sim. Lá no Brasil nós temos menos estrangeiros tentando aprender a nossa música e os nossos movimentos. Tanto aqui quanto lá são festas muito animadas, regadas a muita risada, muita dança... são festas que tem música brasileira é sempre uma festa muito democrática. A gente pode dançar como quiser, pode cantar, pode extravasar, é

bem o espírito do Brasil mesmo. Então nesse sentido não é diferente aqui do que é lá. Mas eu acho que aqui por termos mais estrangeiros buscando conhecer o nosso país melhor, mesmo que não seja lá no nosso próprio país.

Neste contexto de festas brasileiras temos que um aspeto importante das performances musicais e corporais, é a dança, que são realizadas pelo próprio público que participa, de forma voluntária e espontânea, sem qualquer ensaio com a banda ou DJ. De um lado temos as pessoas que querem dançar, mas não possuem as técnicas específicas para um determinado estilo, e do outro, pessoas mais conhecedoras, pois já praticaram e aprenderam os passos anteriormente. No caso de festas brasileiras é compreensível que, de um lado, existam brasileiros que saibam as técnicas e, do outro, pessoas de outras nacionalidades que, devido a estarem entrando em contato com aquela música ou género pela primeira vez, ainda não tenham técnicas específicas para aquele tipo de performance. Foi aí que percebi como o público brasileiro utiliza a dança como forma de inclusão cultural, como vemos em outro trecho da entrevista com a Esperança: “[...] *Eu percebo que os brasileiros são bastante acolhedores com quem vem de fora e estão sempre a tentar ensinar os “passinhos” e os nossos movimentos para cada música, as coreografias*”.



Imagem 8: estudante brasileira a ensinar estudante angolano a dançar.

Através desta etnografia da performance musical, percebi basicamente que há duas técnicas de dança: uma mais geral, que pertencem aos géneros musicais e outra mais localizada, ligada à uma música específica. A técnica mais geral diz respeito ao facto de poder-se aprender passos básicos que funcionam dentro de um género musical. Por exemplo: quem aprende a dançar forró pode dançar qualquer música dentro deste género ou quem aprende a dançar samba pode dançar qualquer música

dentro deste respetivo género, o mesmo acontecendo com o sertanejo, samba-rock, reggae ou tecnobrega. A técnica mais localizada diz respeito a músicas que tem coreografias específicas, onde determinados movimentos são sincronizados com um momento da música, com a letra, fraseado musical ou parte percussiva. É um momento interessante onde boa parte do público reproduz um movimento quase de forma idêntica, sendo que muitos destes são desconhecidos ou nem falem a mesma língua.

Talvez seja arriscado dizer isto, mas para alguns, ser brasileiro em uma festa destas é saber todas as coreografias.

6.2 Entre brasileiros e portugueses

Para além da comunicação entre os imigrantes brasileiros e outras nacionalidades, fica destacado a comunicação com os portugueses, tanto pela facilidade da comunicação na mesma língua, algumas pretensas similaridades culturais, as relações intensas durante o percurso histórico entre os dois países e também pela grande presença das duas nacionalidades na cidade e nas festas. Em entrevista com a Dona Rosa, proprietária do RS Bar e grande observadora das festas realizadas no espaço, ela pondera:

Cristóvão: A senhora quer chamar a atenção para algo curioso ou importante para falar sobre as festas brasileiras, com música brasileira, que a senhora quer destacar para quem vai ler esse trabalho?

Dona Rosa: Acho que é ótimo para nós e para a juventude as festas brasileiras, pois a maneira de ser dos brasileiros é muito mais honesta. Nós, os portugueses, somos um pouco mais fechados. Acho que essa vivência é boa para ambos: tanto para os brasileiros, que passam a ter um pouco mais de contenção para algumas coisas, quanto para os portugueses, que realmente deixam a juventude com música brasileira... quase todos os portugueses gostam.

Este trecho da entrevista mostrou que é inegável que parte da comunidade dos portugueses apreciam a presença da cultura brasileira, tanto que os imigrantes brasileiros aqui adquirem um tratamento diferente dos outros imigrantes, levando a uma série de significados nas relações sociais. Na entrevista com o professor brasileiro Jamerson podemos notar bem isto:

Cristóvão: Como é ser brasileiro(a) aqui em Coimbra?

Jamerson: Então... é... isso é interessante. Eu já tinha conhecido outras cidades da Europa, antes dessa experiência aqui, obviamente que sei das identificações culturais e históricas que existe entre Brasil e Portugal, mas aqui me chamou a atenção o fato do

ser brasileiro é algo específico, é algo peculiar, inclusive conversava com um amigo que trocava ideias, em uma cidade como Londres, por mais que você tenha pessoas do mundo inteiro, todos sabem que você é estrangeiro. Ponto. Só que você é só mais um estrangeiro. Aqui eu percebi que há os estrangeiros, mas há o estrangeiro brasileiro.

Este *status* especial que o brasileiro possui em Portugal é corroborado na entrevista com o músico português Hugo Cunha, onde parte da análise da música brasileira neste contexto:

Hugo: *“Então tipo muitas festas portuguesas são festas com música brasileira também. Tipo não só com música ao vivo, mas os sucessos... o Brasil sempre foi muito acarinhado aqui em Portugal. Nós sempre achamos que éramos países irmãos e eu não vejo um brasileiro como um estrangeiro, eu não vejo pessoalmente. E os portugueses, no geral, eles não veem também. Eles veem quase como um português que tem um jeito diferente de falar, mas também os sotaques brasileiros são distintos, ou seja, não falam todos igual.”*

Mas para além da relação pautada na harmonia, não há como não perceber com o tempo que o imigrante brasileiro recebe algum tratamento menos amigável. Em uma primeira construção de análise, o brasileiro pode ser visto de forma geral como “estrangeiro” e não como uma nacionalidade específica, onde pode ser tratado com xenofobia de igual forma. Durante uma entrevista eu ouvi com naturalidade essa constatação:

Esperança: *[...] Coimbra é uma cidade que recebe gente do mundo inteiro. Somos bem recebidos por muitos portugueses mas em alguns momentos sofremos alguns preconceitos. Mas eu não acho que seja... nem sempre é um preconceito, às vezes são grosserias assim, mas eu não vejo que isso é um tratamento que é diferente do que é dado a alguns outros estrangeiros que aqui estão.*

Em uma conversa sobre esse tratamento diferente relacionado ao estrangeiro, que pode acontecer em qualquer país do mundo, o cantor e músico português Hugo fez um relato sobre esta situação:

Hugo: *[...] Eu já sofri preconceito no Brasil, com certeza, sendo estrangeiro e já sofri preconceito curiosamente no meu país aqui em Portugal porque estava fazendo um show de música brasileira, de samba, e ouvi gritando “volta para a tua terra!” [risos] e eu estava na minha terra, na minha cidade, tocando música brasileira com sotaque brasileiro, mas sou português... e eu escutei isso.*

Segundo a obra *Tristes Trópicos* (Lévi-Strauss, 1981), há basicamente duas estratégias humanas que tratam de alteridade, ou seja, o contacto com o outro: a estratégia *antropofágica*, que consiste em absorver a cultura do outro, e a outra é a estratégia *antropoêmica*, que consiste no ato de “vomitar”, cuspir o outro, impedir o contato físico, a interação social, o diálogo, dificultando ou

impedindo as trocas sociais e culturais. Desta forma a xenofobia consiste na estratégia *antropoêmica*, onde os estrangeiros recebem um tratamento *estigmatizante*, baseado na distorção da visão do outro com realce dos pontos negativos, que visam o afastamento forçado, o impedimento seletivo dos espaços, até a conseqüente criação de guetos urbanos (Goffman, 1988). O trabalhador, DJ e estudante brasileiro Luciano falou na entrevista um pouco sobre isso:

Cristóvão: Já sofrestes ou presenciastes algum tipo de preconceito? Nesse ambiente de festa?

Luciano: Já.... Também já. É normal. Hoje em dia ainda existe, mas, como todo tipo de preconceito é fruto da ignorância, e aqui como em qualquer lugar do mundo você tem pessoas que são muito desinformadas e muito fechadas no universo delas e vai ser inevitável você passar por alguns momentos mais desagradáveis em alguns espaços assim. Já tivemos, já presenciei discriminação com brasileiro e tudo isso, não comigo diretamente, mas com pessoas ao redor e... há sim, também há. Não só nas festas, dentro da própria comunidade estudantil também eu acho que tem um pouco de preconceito que eles não se tocam nem que é preconceito, mas é...

Esse movimento *antropoêmico* também pode dentro de um grupo, que não consegue assimilar ou aceitar a presença de um participante de origem diferente. Podemos falar do caso do músico português que sentia preconceito dentro de um grupo de músicos brasileiros, notado pelo baterista português João Machado:

Cristóvão: Como é ser português e tocar música brasileira?

João Machado: Hum... pá no início, quando apanhava alguns gajos, uma malta brasileira, sentia alguma discriminação.

Essa narrativa da xenofobia é construída por alguns imigrantes em termos de não-aceitação (por um lado) e justificação (por outro), entre sofrer as violências simbólicas do tratamento, tentar compreender as causas e aceitar o discurso da xenofobia. Após mais de dez anos de moradia em Coimbra, o músico brasileiro Hélio falou sobre o motivo de alguns portugueses tratarem mal alguns brasileiros:

Cristóvão: E como é ser brasileiro em Portugal e qual o papel da música brasileira nessa tua vivência?

Hélio: Rapaz... ser brasileiro em Portugal é um bocado complicado, sabe?[...] Mas na maioria há um certo, não por culpa deles, atenção, a maioria deles já sofreu algum tipo de, vamos supor assim, como é que eu vou te dizer... algum dano financeiro ou neguinho que deu a volta neles, que quis se dar bem, passou a perna em um, tem muito disso. Então para você ter uma ideia quando chegava aqui, o brasileiro para abrir uma conta no banco sem dinheiro, aí quando passava um tempo pegava um empréstimo e [palma com a mão] vazava! Deixava o banco arder aqui. Aconteceu muito. Eu conheço pelo menos uma meia dúzia que fez isso. Então a gente sente um bocado disso.

Esse fenómeno pode ser um exemplo que denominamos de *identidade negativa* pois retrata em alguns casos uma forma de auto-depreciação, pois decorre da aceitação e interiorização de uma imagem de si próprios construída pelos outros, baseada em uma identidade vergonhosa, com algumas vezes a eliminação destes traços (Cucho: 1999; Rocha, 2010).

De forma recorrente foi dito em várias entrevistas e conversas informais sobre as características negativas do povo brasileiro, como podemos perceber neste trecho da entrevista com o cantor Leo Like:

Leo: [...] *Há muitos anos atrás aqui em Portugal muitas brasileiras vieram para cá com prostituição, então o brasileiro é visto como um povo muito malandro também [...]*

6.3 A Questão da Mulher Brasileira

Uma questão recorrente, que é presenciada tanto em vários trabalhos sobre imigração quanto nas conversas e entrevistas, refere ao tratamento *estigmatizante* que a mulher brasileira sofre em Portugal, e consequentemente em Coimbra, sendo imprescindível uma abordagem, pois dentro dos ambientes de festa, através da dança, da comunicação e performance corporal são criados muitos laços sociais, harmônicos, mas também desarmônicos (Goffman, 1988).

Houve um aumento expressivo no número de mulheres imigrantes, não restrito a mulheres que acompanham os parceiros, mas também de forma independente e variada onde há vários motivos para a imigração, estudos, inserção no mercado de trabalho ou mudança de estilo de vida. De certo que há uma facilidade das classes mais altas para emigrar, talvez ligada ao fato observado de que essa parcela vem em busca de qualificação académica. Também há imigração de classes mais baixas, às vezes voltada para atividades de serviços de limpeza (domésticos e de hotelaria), cuidar de crianças ou idosos, e até o comércio do sexo. A prostituição contou com grande veiculação nos jornais devido o número de detenções realizados pela GNR e SEF, também por mostrar um mercado dominado por brasileiras. Aliado a isso temos o estereótipo que circula da imagem dos brasileiros, do homem malandro e preguiçoso e da mulher calorosa, exuberante e fácil. Não somente a imprensa portuguesa, mas também as próprias produções de telenovelas brasileiras, que fazem sucesso em Portugal, reforçam esta imagem de sensualidade. Existe também uma marca de hostilidade entre as mulheres, portuguesas e brasileiras, baseada na disputa ou competitividade. (Padilla, 2007).

Em entrevista com uma brasileira, quando perguntei sobre o preconceito no ambiente de festa, ocorreu este diálogo, onde a questão da disputa com as portuguesas foi mencionada:

Cristóvão: *Já sofreste ou presenciaste algum tipo de preconceito no ambiente de festa?*

Adriana Moro: *Sim.*

Cristóvão: *Podes falar um pouco para gente?*

Adriana: *Na verdade, nós fomos em uma festa que tinha funk e como todas as meninas estavam dançando aí teve uns meninos portugueses que acharam que o pessoal... começaram a querer pagar bebida e falar gracinhas e a gente teve que sair do recinto porque realmente foi uma coisa bem constrangedora.*

Cristóvão: *Tu acreditas então que ser mulher brasileira nas festas pode ter um resultado diferente de outra nacionalidade, por exemplo? Das portuguesas?*

Adriana: *Sim porque até as meninas portuguesas... os meninos nos olham encantados, entendeu? As meninas nos olham como ... eu não sei bem a palavra, mas já me aconteceu assim ó seu estar dançando com uma amiga e tudo, quando daí outra amiga falou “ah elas tão imitando vocês”, mas imitando tipo de um jeito tipo tirando sarro, assim, tirando sarro sabe? Aí eu fiz de conta que eu não enxerguei [gesto de “tanto faz”]. Ofendida. Mas acho que elas veem um pouco como “tá na minha área”, entendeu? Não sei...*

É fácil observar ao longo da cidade de Coimbra, nos comércios voltados para produtos e restaurantes de comida brasileira, uma extensa representação da mulher brasileira baseada naquela ideia tropicalista de excessiva sensualidade, geralmente com fotos e ilustrações de mulheres seminuas com fantasias de carnaval (como mostrado na imagem). Não é difícil entender que a associação destas imagens com as notícias de prostituição confere mais do que uma simples *identidade negativa*, mas sim a construção de um *estigma*, pois confere um efeito de descrédito muito grande, considerado um defeito ou uma fraqueza, representando uma verdadeira discrepância entre o preconceito e a realidade (Rocha, 2010; Goffman, 1988).



Imagem 9: quadro com mulheres em restaurante de comida brasileira. Autoria própria. Coimbra, 2015.

Em uma das entrevistas foi-me revelado (em carácter anônimo) que alguns proprietários de imóveis não alugam quartos para mulheres brasileiras, sobretudo pela desconfiança de serem “garotas de programa”. Acredito que a construção deste *estigma* começa a ser observado até por alguns portugueses e portuguesas que começam a questionar essas imagens veiculadas. Em outra entrevista já com um estudante português, ele falou sobre o assunto:

Cristóvão: [...] Tu já presenciaste algum preconceito nesse ambiente de festa, ou de brasileiro com português ou portugueses com brasileiros, ou uma situação de preconceito que tu presenciaste assim?

Alexandre: Sim talvez. Existe aquele preconceito que as brasileiras, as raparigas brasileiras de alguma maneira são mais fáceis de conseguir um relacionamento, acho que isso é típico. Isso é típico por exemplo.

Esse *estigma* foi captado por nossas entrevistadas, onde podemos perceber que não só o fato de ser brasileiro sofre o preconceito, mas principalmente a mulher brasileira, não só dos homens portugueses, mas até dos homens brasileiros, como na entrevista com a Ludmila, professora e aluna do doutoramento:

Cristóvão: Como é ser brasileira aqui em Coimbra?

Ludmila: Então essa pergunta é muito ampla, né? (risos) mas eu acrescentaria que no meu caso por ser mulher que não é só ser brasileira em Coimbra, é ser brasileira e mulher em Coimbra [...]

Cristóvão: Certo. Tem uma pergunta que era lá pro final que é assim: Já sofreste ou presenciaste algum tipo de preconceito no ambiente de festa?

Ludmila: Então... já! Já presenciei. Porque essa percepção de preconceito ela é muito pessoal e depende das vivências que a gente tem, mas já percebi, por exemplo, situações de violência simbólica envolvendo mulheres brasileiras com homens ... também brasileiros, mas também de outras nacionalidades que vivem aqui, da relação de objeto que se estabelece muitas vezes entre homens e mulheres. E a mulher nesse caso é objetificada. Então já presenciei isso em festa aqui.

Um fato que pode lançar alguma ponderação na análise deste assunto é que a chamada simpatia da brasileira pode acabar sendo confundida pelas pessoas de outras nacionalidades com abertura para o relacionamento amoroso casual, o que mesmo sendo uma abertura de cunho mais “ligado ao empoderamento feminista”, acaba por não ser bem recebido por pessoas com uma mentalidade mais patriarcal e machista onde a mulher “tem que seguir regras familiares e religiosas”. Nessa entrevista com Ludmila eu comecei a refletir sobre isso:

Ludmila: Quando os brasileiros se reúnem em festas é muito característico o tom de voz alto, um senso de humor muito mais, uma alegria muito mais expressiva do que de outros países, as mulheres chamam a atenção...

Cristóvão: Por quê?

Ludmila: porque elas interagem mais, pelo que eu percebo, se eu comparo com outras nacionalidades. Eu acho que nós interagimos de forma mais aberta do que outras mulheres daqui. Não sei, assim, e não é só uma percepção minha. Acredito que é mais...

há uma abertura maior para se relacionar.

Os movimentos feministas atuais, influenciados pelas autoras Hannah Arendt, Simone de Beauvoir, Rose Marie Muraro, Montserrat Moreno e Mary Del Priore, lançaram outros olhares e análises sobre estas questões, o que deixa este assunto longe de ser encerrado, pois merece uma análise com mais espaço e profundidade.

6.4. Entre os brasileiros

Os encontros entre a grande mistura de brasileiros no ambiente de festas, com reunião de pessoas de todas as mais variadas origens culturais, religiosas, “raciais” e futebolísticas, fazem surgir na pesquisa algumas questões voltadas para as dinâmicas sociais e interpessoais internas prévias do país. Para além da questão harmónica nos encontros e festas, não podemos deixar de registar também as questões de curiosidade, mas também de conflito.

O normal em Coimbra é que pessoas dividam casas ou residências estudantis com outras pessoas, de várias nacionalidades ou de brasileiros de regiões diferentes. As trocas culturais geralmente são vistas como pontos positivos de morar em uma cidade internacionalizada como Coimbra. Mas como este capítulo é destinado a fazer um contraponto da imagem das festas harmónicas, não posso deixar de registar algumas questões. A primeira é o choque cultural entre costumes de regiões diferentes, desde os hábitos alimentares até expressões idiomáticas, como explicado na entrevista com a estudante da mesma cidade e região que a minha (Belém, Amazônia):

Cristóvão: Como é ser paraense aqui em Coimbra?

Anna: É difícil! [risos]. Porque por exemplo a gente tem um vocabulário muito peculiar nosso. Eu lembro a primeira vez que eu falei para uma das meninas que moram comigo em que eu falei “égua” e ela achou que eu estava xingando ela (risos). Então foi muito engraçado. E por exemplo a nossa culinária é muito, muito, muito, muito, muito boa. Então sempre que eu tenho oportunidade eu trago um pouco assim de cupuaçú, um pouco de alguma comida típica. E a primeira vez que elas me viram comendo cupuaçú com farinha, que para gente é uma coisa super-comum causou muita estranheza. E são brasileiras, não são nem tipo... estrangeiras.

De um choque cultural, pautado nas diferenças gastronómicas ou expressões idiomáticas, as relações interpessoais podem transformar-se em relações baseadas pelas construções histórico-narrativas influenciadas por preconceitos recorrentes dentro do Brasil. São marcadores de identidade de grupo construídos baseados em hierarquia de poder ou até agressões simbólicas (em últimos casos agressões físicas). Mas esta estratégia de diferenciação pode ser vista também em vários países, como

foi posto na entrevista com a estudante brasileira Esperança:

Cristóvão: Tu achas que há algum preconceito dentro do público brasileiro entre regiões...?

Esperança: Ah sem dúvidas, sem dúvidas. Eu acho que isso é comum no mundo inteiro. Acho que eu desconheço ainda dentro das culturas que já tive contacto, qualquer país, ou região, ou continente que não tenha preconceitos internos, sabe? Que não caracterize determinada região como “um pessoal mais preguiçoso”, como determinada região como “os separatistas”, como determinada região como “o workaholic”, como determinada região sabe como “praiano e tudo tá uma beleza, nada é ruim”, isso acontece no Brasil da mesma forma como acontece aqui em Portugal.

O contexto no qual escrevo esta dissertação está inserido na recente crise política que o Brasil vive, deixando os nervos mais aflorados nas discussões, inclusive com apreciações político- regionais depreciativas de ambas as regiões, observadas no convívio e conversas. Essas questões que, por serem construídas nas narrativas dentro do próprio Brasil através dos séculos e décadas, ainda apresentam alguma solidez e força no ambiente imigratório. Também na entrevista com o professor Jamerson, estudante de intercâmbio no doutoramento e Nordeste, ele foi claro sobre isso:

Jamerson: Porque, por exemplo, vamos colocar de uma maneira mais clara: a gente sabe que para o brasileiro a ideia do Nordeste e do Norte ainda é uma ideia muito estereotipada, de atraso, de preconceito...

Porém em entrevista com uma estudante oriunda da Região Sul do Brasil, que geralmente é vista como a que mais promove este tipo de discriminação contra as outras regiões do Brasil, principalmente Nordeste e Norte, ela comentou comigo que também sofre preconceito por ser vista como “a sulista preconceituosa”.

7. O QUE É O BRASIL DENTRO DE PORTUGAL?

*Essa crioula tem o olho azul
Essa lourinha tem cabelo bombril
Aquele índia tem sotaque do Sul
Essa mulata é da cor do Brasil*

Os Paralamas do Sucesso. Loirinha Bombril.

7.1. Comunidade e Nação

O termo “comunidade” surge diversas vezes e naturalmente nas conversas com as pessoas sobre a forma como as nacionalidades constituintes do tecido social da cidade são diferenciadas e agrupadas através de um conjunto de características, sejam estéticos, estereotipados, imaginados, etc. As mais comuns de ouvir nas conversas se referem as “comunidades de angolanos”, “comunidade dos chineses”, “comunidade de brasileiros ou até “comunidade dos ciganos”. Estas comunidades geralmente derivam de um conceito representativo e resumido do conceito da *nação* em questão, que por sua vez é uma comunidade política imaginada em comunhão dos membros, intrinsecamente limitada, soberana e com fronteiras finitas (Anderson, 2005). Constantemente podemos ouvir sobre a presença da “comunidade brasileira” em Coimbra, seja no contexto de moradores, estudantes e/ou trabalhadores, em torno da qual surgem algumas que funcionam de forma temporária, outras mais institucionalizadas e outras híbridas. Em entrevista com o estudante português Alexandre, perguntei quais eram os locais onde ele encontrava brasileiros, ele disse:

Alexandre: Sim na Universidade, especialmente na Universidade de Direito por exemplo, acho que é um exemplo. Existem muitos, uma grande comunidade de brasileiros, eu acho cá para estudar.

Percebemos neste trecho como há uma certa naturalidade com que os indivíduos utilizam o conceito de comunidade (ou outros conceitos semelhantes, mas que possuem o mesmo sentido neste contexto) para referir-se aos que pertencem à uma categoria específica e também como os indivíduos sentem-se incluídos em um grupo, como vestem de forma prática um manto social para transitar no tecido heterogêneo da cidade e encontrar fios semelhantes, como no trecho descrito por Bauman (2001): “As comunidades vem em várias cores e tamanhos, mas, se colocadas num eixo weberiano que vai de “leve manto” a “gaiola de ferro”, aparecerão todas notavelmente próximas do primeiro pólo”. De forma a ilustrar, em entrevista com uma estudante brasileira Anna, falou do sentimento de sentir que faz parte de um grupo (ou comunidade):

Cristóvão: “Como é ser brasileira aqui em Coimbra?”

Anna: “É bem tranquilo. Eu pensei que ia ser muito mais complicado, mas é bem tranquilo porque tem muito brasileiro, muita gente que está na mesma situação que eu, então é muito fácil de se relacionar assim.”

Uma forma institucionalizada do conceito de “comunidade brasileira” é a APEB/Coimbra (Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra) que é uma instituição sem fins lucrativos que existe desde 2004 com o intuito, segundo o site oficial, de “criar um espaço de valorização da cultura e dos interesses dos estudantes brasileiros, ao mesmo tempo que apoia a integração à vida acadêmica e cultural em Portugal”. A APEB, no tempo da pesquisa, foi responsável por promover eventos como mostra de filmes, grupos voltados para prática de desportos, os forrós no Centro Cultural Dom Dinis, jogos de tabuleiro, cursos, palestras, oficinas e várias práticas voltadas principalmente aos estudantes da comunidade brasileira. Uma das formas mais utilizadas para divulgação dos eventos que eu percebi foi a internet, mais precisamente o compartilhamento na rede social *Face Book*, tanto com o aplicativo de “eventos”, quanto no grupo virtual desta rede social voltado para a comunidade brasileira que é muito utilizado.

Este grupo chamado “Brasileiros em Coimbra” (que contava em torno de 6 mil membros quando acedido em 7 de Junho de 2016) era utilizado para trocar todo tipo de informações, dos que encontravam-se tanto já em Coimbra quanto os que ainda estavam no Brasil e pretendiam vir estudar ou morar, compra e venda de produtos, marcar encontros, etc. Aqui temos uma amostra de como o conceito de “comunidade” é construído também de forma virtual, mas com implicações e consequências diretas no “real”. Cabe aqui explicar que o “virtual” não significa algo irreal ou que não exista, mas algo que corre paralelo ao real, pois implica e sofre consequências no plano “real”.

Para compreender a forma como os indivíduos aderem a estes grupos (comunidades) é preciso levar em conta as mesmíssimas escolhas individuais que talvez os levem a ter uma reação de desaceleração à liquefação que a vida moderna, transnacional, que pode impor aos viajantes. A presença de pessoas de várias nacionalidades, mas de gostos em comum, como o curso ou temática dentro da universidade, de gostos musicais ou artísticos parecidos, torna a formação de pequenos grupos internacionais uma constante no ambiente de Coimbra. Despe-se então o manto referente ao das nacionalidades e veste-se outro manto referente ao objetivo da formação de um grupo com outra finalidade ou natureza. Mas ao mesmo tempo que essa transitoriedade pode ser uma característica da liberdade fluida, também pode ser um aspeto visível do desaparecimento de velhas garantias sociais e uma nova fragilidade dos laços humanos. Um paradoxo enraizado nessa modernidade líquida (Bauman, 2001).

Para além dos vários grupos formados, a nossa questão é a formação, afiliação e sentimento de pertença a comunidade chamada de “brasileira”, construída e viabilizada pelos espaços de sociabilidade, ou festas, voltadas para interação de quem se acha inserido, como no trecho de

entrevista do advogado e estudante Fernando.

Cristóvão: Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para participar de uma “festa brasileira”?

Fernando: Ah integração com a nossa cultura, né? Querendo ou não a gente, você está em outro país, é tudo diferente, o clima é diferente, a comida é diferente, até a língua, o jeito de falar é totalmente diferente. Então a gente quer se sentir acolhido, a gente quer estar junto, para lembrar da nossa terra, da nossa comida, né?

A formação destas comunidades, no contexto migratório, são o resultado, entre outros fatores, da influência do que podemos chamar de *identidade nacional*, que não é apenas a referência ao documento do país de nascimento, mas aquela identidade com sentimento de pertença a uma nação através da formação e transformação no interior da *representação*. Como esta nação não possui fronteiras físicas, mas sim a capacidade de produção simbólica e cultural, surge então o sentimento de nacionalismo que ultrapassa o sentido político (da base da democracia e legitimação do Estado) e suscita ações e práticas dos respetivos membros. A dificuldade é como conjugar as múltiplas diferenças de um país em torno de conceitos únicos e homogêneos (Hall, 2002; Calhoun, 2007; Rocha, 2010). No comentário que a Adriana Moro (brasileira do Sul do Brasil) fez para mim (do Norte), nós podemos ter uma ideia dessa complexidade: *“Eu descobri que nós moramos em países diferentes”*.

Podemos perceber o sentimento de lealdade ou pertencimento através da utilização de símbolos nacionais oficiais como a bandeira ou símbolos não-oficiais, mas igualmente dotados de carga simbólica, como as blusas da Seleção Brasileira de Futebol, e também através da reprodução de estruturas simbólicas como as festas brasileiras com temas voltados a representação do que é feito no Brasil. No trecho de entrevista com a Ludmila podemos perceber isto:

Cristóvão: Como é que tu enxerga isso? É diferente lá do Brasil, por exemplo, das festas brasileiras de lá e daqui, como é?

Ludmila: Na verdade como eu já me sentia incomodada lá em festas desse tipo, quando eu vi que existe quase que uma reprodução de festas desse tipo do Brasil aqui, nesse determinado espaço que eu fui [...] mas me pareceu umas festas muito próximas de algumas que eu vi no Brasil que são reproduzidas aqui e eu acho que estas pessoas que estavam ali buscavam justamente isso.[...] Mas eu percebo que há uma necessidade de certos brasileiros de estarem o tempo todo junto, de ir para festas que toque determinados tipos de música, como se tivesse que ter um pedacinho do país aqui dentro para conviver. Ou para sobreviver, se é o caso [riso].

Eu entendo a criação destas comunidades como um movimento de oposição a chamada liquefação, ao derretimento dos sólidos, do desencaixe das instituições, do processo de individualização crescente, que a modernidade líquida promove através também da migração entre países (Bauman, 2001). A procura por estes grupos virtuais, comunidades de pesquisadores ou festas

brasileiras são uma forma de solidificar uma identidade que pode estar amassada na mala de viagem, bagunçada no meio dos móveis da mudança para a cidade, na espera de ser estendida como estandarte na parede do quarto.

7.2. O que é um brasileiro?

Começo com essa pergunta generalizante, para muitos (com certa razão), que poderia promover uma busca sem sentido para conceituar uma espécie de massa homogênea e sem forma, mas que também é um exercício já muito praticado por outros antropólogos que investigaram as chamadas identidades nacionais. Mais do que isso, é uma forma de achar um Brasil dentro de Portugal, ou mais especificamente dentro de Coimbra, através do olhar dos próprios brasileiros, dos portugueses e todas as outras nacionalidades que convivem nos espaços de sociabilidade. Aos poucos vamos descobrindo que esse Brasil (com B maiúsculo) se desdobra em vários “brasis” (pequenos, fluidos e fortes) que circulam por aí, seja na forma de pessoas, músicas, danças, comidas, times de futebol, alegrias e violências. Dividem-se ainda mais através dos sentimentos de pertença e propriedade regional e local (e porque não um bairro ou rua?). Como os espaços de sociabilidade destes imigrantes conseguem atenuar as diferenças de um país de dimensão continental e evocar traços que parecem familiares a todos, em uma sincronia espantosa com direito à coreografia e tudo mais?

A primeira observação é o fator integração de imigrantes, o que é normal em qualquer país do mundo a união em torno de alguns eventos para lembrar o país, o que me faz perceber o sentimento da saudade nas entrelinhas, como explicado na entrevista com a Esperança:

Cristóvão: Como é ser brasileira aqui em Coimbra?

Esperança: É ser uma entre muitos [risos]. Somos muitos brasileiros aqui de diferentes regiões do Brasil, com diferentes contextos sociais, com diferentes contextos culturais. A convivência entre nós é muito, sempre muito festiva, muito agradável e a gente se une muito rapidamente porque como a maioria de nós está longe das famílias, nós somos a família um do outro aqui.

O conceito de “brasilidade” é composto por inúmeros traços que seriam prontamente distinguíveis dos de outros países, mas que só podem ser vistos se estes forem apresentados ou representados, consciente ou inconscientemente, de forma verdadeira ou simulada. Esse conceito pode brotar naturalmente pois “onde quer que haja um brasileiro adulto, existe com ele o Brasil e, no

entanto – tal como acontece com as divindades –, será preciso produzir e provocar a sua manifestação para que se possa sentir sua concretude e seu poder” (Damatta, 1986).

Saímos então da análise e auto-perceção dos brasileiros sobre si mesmos, para entrar na percepção de imigrantes de outras nacionalidades, suas formas de enxergar “brasis” que circulam e se apresentam nas festas. Em entrevista com uma jornalista do Equador, a mesma mencionou de forma consciente o famoso estereótipo de pessoa alegre e da saudade da praia, mas também adicionou uma componente interessante: do falar em voz alta em ambiente público:

Cristóvão: O que é para si um “brasileiro”?

*Janina: Acho que a primeira ideia como sempre é fazer o estereotipo: alguém alegre, barulhento, ***** mais isso é demasiado estereotipo e masculino. Poderia dizer que a voz alta é uma referência para mim. Se você está em um espaço, alguém que está a falar mais alto, é alguém do Brasil. E alguém que está a falar com saudade da praia, do Sol, da temperatura, da comida... e as vezes da bebida.*

Seguindo este caminho de analisar a percepção dos imigrantes interlocutores que também frequentam as festas brasileiras sobre “o que é um brasileiro?”, entendo que esta seria uma espécie de compreender melhor o campo através do olhar deles (“os outros”) a forma como eles nos enxergam, pois é obviamente interessante ouvir a opinião de alguém “de fora”, diferentemente de alguns trabalhos sobre imigração onde são entrevistados apenas as pessoas do mesmo grupo. O interessante é que nas entrevistas ainda encontramos o conceito clássico da “habilidade natural para a dança” na visão do jornalista Boaventura, de Moçambique:

Cristóvão: Tu consegues diferenciar os brasileiros das outras nacionalidades nesse ambiente de festa?

Boaventura: Só falando. É difícil à primeira vista saber quem é brasileiro e quem não é brasileiro. Evidentemente há sim uma identificação prévia quando, por exemplo, numa festa de samba vendo pessoas a dançar é possível já ir vendo que uns são e outros não, apesar de depois de falar, de conhecer esta assunção não ser confirmada, não é?

O conceito de brasilidade pode ser algo mais amplo do que foi mencionado na questão da expressão corporal mais vista durante as festas, a dança, mas também podemos expandir esta compressão para todo um complexo de expressão facial, o sorriso, através deste trecho da entrevista com o músico português Hugo:

Cristóvão: Tu consegues diferenciar no teu público assim quem é brasileiro e quem é estrangeiro só de olhar ou na forma de dançar?

Hugo: *Enfim... na forma de dançar é muito rápido que eu deteto. Até quem é português, quem é ... às vezes quase consigo ver a nacionalidade deles na forma de dançar. Aquele gingado da dança tanto do samba quanto do forró não tem como... se você não nasceu lá você nunca vai ter.*

Cristóvão: *Então tu consegue diferenciar o brasileiro pela dança, nem tanto pela estética ou cor da pele...?*

Hugo: *Eu diferencio o brasileiro pelo sorriso [risos]. É uma coisa cultural, também é cultural. O brasileiro faz um sorriso de uma orelha a outra orelha, é cultural. A gente, eu me incluindo nos brasileiros, a gente faz um sorriso agradável para a galera que a gente está conhecendo.*

Notem que surge no final do trecho o ponto em que ele também se identifica como brasileiro, inclusive ao usar o gerúndio no verbo “conhecer”. Lembrem que este músico português tem especial relação aos conceitos clássicos do Brasil: é professor de capoeira, toca pandeiro e cavaquinho, gosta de jogar futebol e comer um churrasco.

Ouvi de algumas pessoas a frase estupidamente generalizante e ao mesmo tempo magnificamente definidora de uma identidade nacional: “Ele é mais brasileiro que muito brasileiro.”

7.3 Identidades (S)

Esta tarefa de entender o que é identidade já foi iniciada por vários autores, continua até hoje e provavelmente vai se estender infinitamente. Tento, então, fazer um ultra resumo dos principais norteadores teóricos para poder aliar aos nossos já costumeiros trechos de entrevistas com interlocutores (a nossa observação participante terceirizada). Trabalho aqui com a noção de que a *identidade* tem basicamente duas dimensões: a *pessoal* (ou individual) e a *social* (ou coletiva).

O conceito de identidade pessoal seria a visão sobre o conjunto de compreensões que a pessoa mantém de si mesma e também sobre o que é significativo para ela. No terreno dos aspetos mais íntimos da vida pessoal dentro desta modernidade tardia, a identidade pessoal é obtida através de um processo de autodesenvolvimento, que possibilita a formulação de um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta, pois é através da negociação constante do indivíduo com o mundo exterior que ajuda a criar e a moldar seu sentido de si mesmo. Percebemos isto por meio de dados sensíveis e qualitativos, onde podemos ver a nós mesmos como algo que vale a pena. (Cardoso de Oliveira, 1976; Damatta, 1986; Giddens, 2005). Em entrevista com a Esperança, a mesma mencionou a questão da identidade:

Cristóvão: *Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para participar de uma festa*

brasileira?

Esperança: Manter a minha identidade, manter os meus hobbies, as coisas que eu gosto de fazer, continuar dançando, encontrar com amigos, mas sobretudo escutar música brasileira.

Já o entendimento de identidade *social* teria relação com a visão do grupo e suas respectivas influências, através da oposição e contraste com o “outro”. Esta identidade, entendida reflexivamente, tanto pelo indivíduo quanto pelos outros, pois constrói narrativas que pode unir ou desagregar indivíduos distintos (Cardoso de Oliveira, 1976; Giddens, 2005). Esta reflexão surge durante o contato do eu com o outro, na definição de identidade(s), através de afirmações e questionamentos como percebemos nesta entrevista com a Adriana:

Cristóvão: Sobre o público de outros países... tu consegues diferenciar quem é brasileiro e quem não é?

Adriana: Sim! Na dança. Na motivação. Na verdade, os estrangeiros são muito motivados para dançar, para querer aprender a nossa cultura, a nossa dança. E atraí muito eles, eles ficam entusiasmados mas daí na hora de colocar em prática o brasileiro tem muito mais manha, né? Parece que nós somos muito mais musicais, não sei, somos?

Nesse contexto de modernidade fluida onde as identidades de todas as partes do mundo passam pelo processo de desencaixe de suas zonas de origem e entram em um ambiente internacionalizado, como é o caso da cidade de Coimbra, temos um interessante exercício antropológico estas estão agrupadas em um mosaico que faz com que a representação desses traços possa, ou desaparecer no meio da multidão, ou assumem uma representação mais expressiva, com a re-articulação, que pode até chegar ao caricato. É através destes momentos onde as identidades estão em *crise* ou em situações de grande mudança, com as respectivas reações sociais que uma pessoa pode direcionar uma identificação por contraste, com possíveis associações com grupos de semelhantes entre si em oposição a grupos de referência “diferentes”, numa realização contínua de um jogo dialético (Cardoso de Oliveira, 2000; Giddens, 2005). Podemos perceber claramente isto no trecho da entrevista com a professora Ludmila:

Cristóvão: Como é ser “baiana” aqui em Coimbra?

Ludmila: Então... essa coisa da identidade baiana é engraçado porque eu acho que a gente em Coimbra, sobretudo como tem muitos brasileiros e aqui, me parece pelo que falam, tem mais Nordestinos, a identidade baiana fica mais diluída, e aí o que me traz ela de volta é quando eu encontro outros baianos, porque aí a gente já tem outra forma de lidar com algumas coisas, por exemplo, uma vontade de reunir para fazer uma comida na casa de alguém, fazer uma comida baiana porque alguém trouxe um “camarão seco da Bahia”, o meu pai trouxe dendê no Natal e é uma forma de agregar, né? Esses baianos que estão por aqui.

Uma das questões interessantes do jogo dialético das identidades, é um processo que entendo como uma substituição momentânea de alcunha utilizada no dia-a-dia no Brasil, baseada na

identidade local ou regional (“carioca”, “paraense”, “acreano”, etc), por uma mais geral baseada na identidade nacional (“brasileiro”). Isto porque a identidade tem sempre uma componente relacional, onde os termos usados visam exprimir a diferença entre “nós” e “outros”, o que não faz sentido chamar brasileiro no Brasil pois o termo não designa uma característica distintiva. Acho que é possível perceber melhor isto através do trecho da entrevista com o cantor brasileiro Leo, da banda Orango Samba:

Leo: [...] Lá no Brasil ninguém me chama de “brasileiro”. Aqui já me chamam de brasileiro, lá eu era “mineiro”. [...] Aqui não, ninguém me chama de baiano ou mineiro, chamam de brasileiro.

A questão da(s) identidade(s) assume contornos tão diversos que é comum encontrar pessoas que tem vergonha da sua identidade nacional, chegando ao ponto da negação. Talvez pela construção de uma auto-análise onde a pessoa entenda que o seu local e cultura de origens são carregados de traços estigmatizantes, que chegam a disfarçar os traços estéticos e de gosto, ou até simular outros devido uma proximidade preferível ou inventada. Aqui no trecho da entrevista com o trabalhador de bar, DJ e estudante baiano Luciano podemos ver isto:

Cristóvão: E tu acha que tem um preconceito dentro do grupo de brasileiros com pessoas de regiões, assim... ?

Luciano: Também. Também tem. O brasileiro é engraçado. O brasileiro é um povo de diversidade tão grande, mas ao mesmo tempo você tem pessoas que exatamente a mesma forma de se isolar dos outros, são pessoas que não gostam muito de se entrosar e quer seja por uma forma de se sentir superior ou por um complexo de inferioridade ou de não se satisfazer com a maneira de ser dos outros, você passa também. Algumas regiões que o pessoal até nega a identidade brasileira...

8 INVASÃO BRASILEIRA

*Daqui do morro dá pra ver tão legal
O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzado
Nós queremos estar do seu lado
Ultraje a Rigor, Nós Vamos Invadir Sua Praia*

Neste capítulo pretendo fazer uma abordagem crítica da extensa presença brasileira em Coimbra, que é um fato facilmente observável, não ficando somente restrito às impressões do pesquisador, mas também pautado nas conversas informais, entrevistas, fotos e dados. Estes últimos vimos através do número de “vistos de residentes” fornecidos pelo SEF e também pelo número de

matrículas na Universidade de Coimbra, alguns destes com talvez o chamado visto de “estudante”. Isso sem falar nos brasileiros que não estão representados nos dados oficiais relativos a imigração brasileira, como os ilegais e os que tem passaporte de outra nacionalidade, o que é também o meu caso, que tenho passaporte português. Então temos este “Brazilsão” continental de 200 milhões de habitantes que se espalham por Portugal, um país territorialmente menor, tornando esta presença mais visível ainda. Para começar percebemos aqui o trecho da entrevista com a Adriana comenta que Coimbra é “uma cidade muito brasileira”:

Cristóvão: Para gente finalizar: queres chamar a atenção para algo curioso ou importante para as pessoas que vão ler esse trabalho e que a gente não falou?

Adriana: Não, acho que tudo foi falado. Eu acho que como é da tua temática, a música aproxima as pessoas, e ainda mais quando as pessoas estão abertas para isso, não é? Então quando você vem para Coimbra, eu acho especificamente Coimbra, que é uma cidade muito brasileira, as pessoas vão ter mais ou menos dificuldades se elas, dependendo da maneira com que elas se abrem.

Mais especificamente sobre a questão musical temos aqui a entrevista com o Luciano que fala sobre a evolução do cenário em Coimbra e a dominação da música brasileira:

Cristóvão: Tu queres chamar a atenção para algo curioso ou importante que a gente não falou ainda nesse trabalho sobre a música brasileira, sobre o público brasileiro...?

Luciano: [...] Houve um salto muito grande Cristóvão de 3 anos, 4 anos para cá, houve uma mudança muito grande na noite, em Coimbra. Quando eu vim para cá nós éramos o grupo de brasileiros onde ouvia-se pouca música brasileira na festa em si. Hoje em dia está dominando, basicamente o mercado de todos os bares que você vai o pessoal começa a colocar música brasileira, embora não seja a música que identifica de fato o Brasil, mas é uma música comercial também, é uma expressão [...] Então acho que está sendo válido. Satura um pouco (risos). A festa em si, a noite, está muito brasileira em Coimbra. Os lugares mais animados, mais movimentados na noite de Coimbra estão tocando música brasileira normalmente.

Em um primeiro momento a sensação desta grande presença para os brasileiros pode ser agradável pois temos uma cidade com a circulação de alguns bens simbólicos generalizantes que ajudam na simulação de um outro brasil (com B minúsculo, menor) aqui dentro de Coimbra, mesmo sem algumas especificidades regionais ou locais, principalmente das regiões Norte e Sul, como tratamos anteriormente. Mas também há quem esteja “saturado” como foi a expressão usada, justamente por pessoas que não se sentem representadas por estes símbolos generalizantes ou pelo excesso mesmo. Como é o caso até da população local, como percebemos na entrevista com o estudante português Alexandre:

Cristóvão: Alguma coisa que as pessoas não gostem ou o que que os portugueses

reclamam muito assim dos brasileiros?

*Alexandre: Pois porque normalmente existe a crítica que passam música brasileira e que é agradável ouvir e alguns reclamam mas... começa a passar demais em todo o sítio, então as pessoas ficam *ah fora pronto e só passar a dizer “outra vez a brasileirada” com estes termos assim*. E pronto depois as pessoas começam a não gostar porque era uma maneira de invadir a própria... por exemplo há muita pouca, há poucos locais aqui onde passa a música portuguesa, por exemplo. É muito mais músicas de outros países como por exemplo Angola e Brasil, que deve ser o que mais passa aqui. Se pegar depois o “Pop internacional” é normal. Mas pronto, esse ponto será uma coisa como é passa muita música e às vezes não deixa espaço para outras músicas assim mais culturais aqui do país por exemplo.*

Além da música brasileira citada, temos e eu vejo, uma grande presença da *kizomba* da Angola na noite de Coimbra, ou seja, esta invasão da cultura brasileira e angolana é vista como fator de impedimento da circulação da cultura portuguesa ou de Coimbra. Mas faço um contraponto: o público português também consome esses produtos culturais, haja visto, o caso da banda de música brasileira que tem como público a maioria de portugueses. Mas voltemos a questão do “colonialismo cultural” brasileiro aqui em Coimbra (termo muito forte) utilizado pelo jornalista Boaventura de Moçambique na entrevista:

Cristóvão: Como tu analisa essa presença de brasileiros aqui em Coimbra ou aqui em Portugal?

Boaventura: Olha eu tenho conversado com algumas pessoas e acho preocupante, eu não posso fechar os olhos a isto, acho preocupante eu chegar à Portugal e notar ou sentir que a cultura brasileira é dominante em relação a cultura local. Eu chamei isso, com algum exagero reconheço, de “colonialismo cultural”. Não se explica [risos] que uma cidade portuguesa como Coimbra haja poucas ou inexistentes expressões culturais, festas locais etc, tirando o Fado aqui e acolá, não se explica, não consigo compreender como é que as noites de Coimbra são dominadas por música e cultura brasileira.

Esta presença não é só na música, mas também é percebida pelas atividades locais como potencial de negócio e lucro, pois desenvolvem atividades como restaurantes e comércios voltados para brasileiros e simpatizantes da cultura do Brasil. Na sequência da entrevista com o Boaventura, ele fala sobre a presença de múltiplas vertentes:

[...] E não é só na cultura, por exemplo, eu acho que este semestre, se eu comparo, se eu faço uma análise dos eventos, enfim, académicos que se registaram no CES, Centro de Estudos Sociais, há uma presença dominante de propostas feitas por brasileiros ou sobre o Brasil. Também o contexto ajudou porque com a crise política no Brasil, com impeachment da Dilma etc etc também surgiu a necessidade de promover esses eventos e eu acho que, por exemplo, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra está muito, é muito fácil ver essa presença do Brasil, eu entendo isso.” [...] “Então eu acho que presença, depois, há restaurantes brasileiros, não é só música essa presença, é académica, gastronômica, é enfim.



Imagem 10: antigo mercado de produtos brasileiros. Data: Julho de 2015.

Uma das hipóteses para essa expansão da cultura brasileira em Coimbra seria o fato de que o próprio brasileiro consome e promove a sua cultura e, devido ao grande número de brasileiros, o mercado percebe isto como potencial de negócio, investe no que acha que gera mais lucro, fortalece este nicho voltado para este público e simpatizantes, o que forma uma “bola de neve” crescente de oferta e procura. Em entrevista com o professor Jamerson ele comentou sobre isso:

Jamerson: Eu acho que também poderia partir dos brasileiros uma maior preocupação, um maior interesse, uma maior predisposição a conhecer a cultura do local, sabe?[...] Mas o que eu percebo é que muitos brasileiros vem pra cá e não conseguem desligar a cabeça de lá, sabe?

Percebemos que não se trata apenas do número de brasileiros, mas sim do fato de que eles próprios tem interesse nos seus bens culturais, talvez infetando até outras nacionalidades com o gosto pela cultura brasileira.

As novas perguntas são: o que faz essa vontade de consumir a cultura brasileira tão forte, não só nos brasileiros, mas em indivíduos de outros países? Será que estamos presenciando um “abrasileiramento” de Coimbra? Será que essa influência cultural vai gerar (se é que já não gerou) alguns *híbridos* culturais? Quais as implicações em outros ramos como gastronomia, vestuário, artes cênicas ou até engenharias?

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Domingo eu vou ver meu time jogar
Tomara que ele saiba ganhar
E se souber vai ser muito bonito
Ver de alegria esse povo sorrindo
Que maravilha essa vida maneira
Tem gente aí que ainda não viu
Como é gostoso esse sol quando brilha
Iluminando esse imenso Brasil*

Bebeto. Praia e Sol

Espero ter trabalhado nesta pesquisa, dentro do limite do tempo, espaço e recursos, de uma forma que tenha proporcionado ao leitor o contato com informações peculiares e interessantes do campo de pesquisa. Tentei compor o texto de uma forma que, por mais que hajam normas acadêmicas a serem cumpridas, ele possa circular tanto através das pessoas que contribuíram diretamente este trabalho, quanto através de pessoas ligadas a outras áreas acadêmicas, mas também não ligadas a área acadêmica, mas que sejam igualmente interessadas no tema. Espero que esta seja uma forma de fazer com que os conhecimentos da antropologia possam reverberar na sociedade.

Tentei usar e equilibrar ao máximo as ferramentas que pretendiam “trazer o campo para o texto”, que é a análise dos dados, as diversas entrevistas entre atores e as fotos feitas no campo. Alguns de vocês podem ter achado demasiado o uso das entrevistas, mas já digo que entendo como uso natural, pois foi delas que partiram muitos questionamentos e reflexões. Não concordo com o uso de entrevistas onde é recortada uma frase pequena, apenas para ilustrar uma teoria ou discurso do autor. No mais, essa é uma forma de dar voz e espaço aos atores, para que possam mostrar sua visão do campo, no que de forma descontraída chamei de “observação participante terceirizada”.

Espero ter conseguido dar uma leitura fluida, ao seguir uma ordem de assuntos como se fosse uma lente de aumento, começando pelo tema da modernidade líquida e tardia, o fluxo migratório de diversos países, a questão dos países irmãos Portugal e Brasil (que como todo irmão, vez por outra ocorre uma briga), os espaços de sociabilidade (festas), as interações entre diversas nacionalidades, a mistura de brasileiros de todas as regiões e as questões de identidade, que vivenciei de forma visceral em Coimbra e que, nestes quase dois anos de mestrado, acho que saio outra pessoa.

Em contraste a essa modernidade que se espalha liquidamente pelo globo, ingenuamente homogênea na visão de alguns, ainda encontrei um local no esforço de se solidificar, através de seus atores que organizam os concertos de fado e apresentações de grupos de rancho folclórico, não somente os mais velhos, mas também os mais jovens com seus grupos de música local, desde as tunas

acadêmicas e vários grupos locais com presença desde os anos 90. Ainda vemos esse ato de se religar ao local através do trabalhador da loja de um euro ao acompanhar o canal chinês, na televisão próxima ao balcão. Também no quarto ao lado ouço velhas canções de Moçambique em uma língua que talvez eu nunca entenda, mas que podem levar o ouvinte à sua cidade natal por alguns momentos.

O fluxo migratório é uma constante no campo observado, o que é uma surpresa para mim pois estar em uma reunião de amigos onde cada um é de um país e com línguas locais diferentes, mesmo que ao se comunicar através da língua mundial, o inglês, ainda me causa um certo espanto e gratidão. As reuniões são globais, mas os jantares são voltados ou para comida local ou para comidas típicas de cada país, com destaque para os nossos jantares lusitanos e latinos, com sandes de leitão ou comida mexicana.

Nessa massa de imigrantes é possível encontrar desde o mais pobre que sai do seu país à procura de uma vida melhor, movido pela construção do ideal de vida europeu, até ao mais rico estudante que vem em busca de qualificação académica-profissional, mas também de desfrutar as regalias de poder ser um cidadão do mundo. É possível encontrar gente que não pense em nunca mais voltar para sua terra natal e os que já chegam “de costas”, prontos para voltar à sua terra assim que alcançarem seus objetivos.

Esse é o Brasilão, o “irmão” mais novo de Portugal, mas que frequentou um colégio diferente, situado ali na América, onde cresceu despropositadamente, dizem alguns que por influência do clima, dizem outros por ser de uma família misturada de muita gente, muito negro, muito índio, muito branco e até japonês. Este encontro assume questões muito peculiares, às vezes muito harmoniosas e legais para ambos, mas também o choque das diferenças pode trazer alguns desconfortos.

Esta família misturada, ali da América do Sul, mas que também fala o português como língua oficial, isso sem falar nas várias línguas dos indígenas (chamados academicamente de povos autóctones), é quase como se fosse a união de vários países com culturas específicas. O meu país, por exemplo, o Estado do Pará, é quase cinco vezes o tamanho de Portugal, e muitos brasileiros acham que lá é só floresta. São então vários “brasis” dentro do Brasil, com seus vários brasileiros, alguns dizem serem muito diferentes, um do outro, outros dizem que são muito parecidos. Ou será ambos?

Essa reunião desse povo misturado, dentro de Portugal, dentro de Coimbra, e que gosta de se misturar mais ainda, que sente saudade de casa pelo reforço da identidade brasileira dentro do país, acaba por gerar o que observamos: tinha como não dar em festa? Poderia. Mas esse vazio existencial de estar em um país estrangeiro, com vários povos que não entendem certos símbolos de comunicação faz com que esses indivíduos procurem algo sólido para se agarrar, algo que valha a pena, que traga algum sentido à sua existência no plano migratório: vamos reconstruir o Brasil!

É uma construção simbólica através da música. Com uma boa conexão de internet hoje não precisamos necessariamente de um disco (que é muito bom também), pois a música é lançada pelo artista ontem e hoje está a tocar nas festas, já com coreografia no *youtube*. Essa fluidez também é utilizada para reconstruir e solidificar. Não somente a música comercial goza de fluidez, mas também aquela música velha que a amiga italiana me pediu para enviar para poder lembrar do Brasil que ela nunca foi. Ou o amigo português que também nunca foi ao Brasil quando mostra uma música do Adoniram Barbosa que ele acha que é “a cara do Brasil”.

É nessa busca de ser alguém, como demonstração política de empoderamento de identidade, que a outra fala: manda uma mensagem para o Fulano e para a Fulana, vamos reunir o pessoal. Vamos fazer uma *playlist* especial com as músicas brasileiras que o pessoal goste, algo que possa agradar a todos, se é que é possível. Não, não é possível. Mas a vida é a arte do tentar o impossível. Um pouco de alegria para essa gente espantar as dores e dificuldades, seja do trabalho diário, dos exames acadêmicos, das raivas de sofrer preconceito (de ser chamada de puta ou preguiçoso) ou de uma febre chata que não passa.

Mas também cada brasileiro que deixa Portugal, quando deixa, diz levar um pedaço de Portugal consigo. Seja nas lembranças, nas amizades, nas fotos de recordação postadas na internet ou uma garrafa de vinho. O Portugal também vive nos brasileiros que nunca vieram cá, desde aquela imagem dos indígenas a observar as caravelas, do bigode típico do português lá da padaria e até aquele jogador de futebol português ultra-famoso. As imagens existem e com elas nascem os preconceitos. Até que sejam desconstruídos. É preciso conhecer.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor, e Max HORKHEIMER, 1995, *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

ADORNO, Theodor, 2002, *Industria Cultural e Sociedade*. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Traduzido por Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo. Paz e Terra.

ANDERSON, Benedict, 2005, *Comunidades Imaginadas – Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*. Tradução de Catarina Mira. Lisboa, Edições 70.

ANDRADE, Oswald de, 1972, “Pronominais”, *Obras completas*, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

APPADURAI, Arjun, 1986, *Introduction: commodities and the politics of value. The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press.

AUBERT, Eduardo Henrik, 2007, “A música do ponto de vista do nativo: um ensaio bibliográfico”, *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 2007, V. 50 Nº 1.

ARAÚJO, Marivânia Conceição de, 2008, “A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica”, *Revista Hospitalidade*. Dezembro, pp. 98-119.

BAUMAN, Zygmunt, 2001, *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Ed Zahar. Rio de Janeiro.

BOURDIEU, Pierre, 2007, *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 560 pp.

BOURDIEU, Pierre, 1996, *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras.

CALHOUN, Craig, 2007, *Nations Matter: Culture, History, and the Cosmopolitan Dream*. London & New York: Routledge.

CAMPOS, Luis Melo, 2007, “A música e os músicos como problema sociológico”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Outubro, nº 78. 71-94.

CANCLINI, Néstor García, 1998, *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp, 392p.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 2000, “Os (des)Caminhos da identidade”, *Revista*

Brasileira de Ciências Sociais Vol. 15 no 42. Fevereiro.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto, 1976, *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo, Pioneira.

CENSOS 2011: Resultados Definitivos – Região Centro. XV recenseamento geral da população - V recenseamento geral da habitação. Editor: Instituto Nacional de Estatística. Presidente do Conselho Deliberativo: Alda de Caetano Carvalho. Lisboa- Portugal, 2012. Site oficial: www.ine.pt

CHADA, Sônia, 2007, “A Prática Musical no Culto ao Caboclo nos Candomblés Baianos”, apresentado em III Simpósio de Cognição e Artes Musicais. Salvador. Anais. Salvador: EDUFBA. p.137-144.

CLIFFORD, James, 1997, *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts & London, England: Harvard University Press.

COLEMAN, Simon, e Peter COLLINS, 2006, “Introduction: ‘Being... Where?’ Performing Fields on Shifting Grounds”, em Coleman e Collins (orgs.), *Locating the Field – Space, Place and Context in Anthropology*. ASA Monographs, n° 42. Oxford and New York: Berg, 1-21.

COSTA, Antônio Maurício Dias da, 2009, *Festa na Cidade: o Circuito Bregueiro de Belém do Pará*. Belém: EDUEPA.

COSTA, Antônio Maurício Dias da, 2006, “A Festa dentro da Festa: Recorrências do modelo festivo do circuito bregueiro no Círio de Nazaré em Belém do Pará”, em *Revista Campos*, 7(2). (p. 83-100).

CUCHE, Dennys, 1999, *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim do século Edições, LDA.

CRESSWELL, Tim, 2006, *On the move: mobility in the modern western world*. New York & London: Routledge.

DAMATTA, Roberto, 1986, *O que faz o brasil, Brasil?* Editora Rocco Ltda. Rio de Janeiro.

DE CERTEAU, Michel, 1995, *A Cultura no Plural*. São Paulo: Papirus.

GRAMSCI, Antonio, 1968, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 244 p.

DIAS, Renato da Silva, 2011, “Lugares de fronteira: espaço territorial, simbólico e identitário – um ensaio”, em *Temporalidades*. Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 3 n. 1. Janeiro/Julho de 2011 – ISSN: 1984-6150 www.fafich.ufmg.br/temporalidades.

FONTENELLE, Isleide, 2004, “Os caçadores do cool”, em *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. no.63, p. 1-9. São Paulo.

FOX, Richard, 1992, “East of Said”, em Michael Sprinker (org) *Edward Said, a critical reader*. Cambridge: Blackwell, 146-152.

FREITAS, Maria Teresa de, 1998, *Exotismo e alteridade: histórias brasileiras de Blaise Cendrars*. USP, 38: 178-184.

FREYRE, Gilberto, 2003, “Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal”, em *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. São Paulo: Editora Global.

GEERTZ, Clifford, 1989, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.

GEERTZ, Clifford, 1983, *Local Knowledge – Further Essays in Interpretive Anthropology*. New York: Basic Books, Inc. Publishers.

GUERREIRO, Amanda Fernandes, 2012, *Músicos Brasileiros em Lisboa: Mobilidade, bens culturais e Subjetividade*. Dissertação entregue como requisito para obtenção do título de Mestrado em Antropologia na Universidade de Lisboa.

GIDDENS, Anthony, 2002, *Modernidade e Identidade*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.

GLICK-SHILLER, Nina, Linda BASCH e Cristina BLANC (orgs.), 1992, “Towards a Transnational Perspective on Migration - Race, Class, Ethnicity, and Nationalism Reconsidered”, em *Annals of the New York Academy of Sciences*. Vol. 645. NewYork.

GLICK-SHILLER, Nina, Linda BASCH e Cristina BLANC, 1995, “From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration”, em *Anthropological Quarterly*. V. 68(1): 48-63.

GOFFMAN, Erving, 1988, *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro/RJ: Guanabara.

HALL, Stuart, 2002, *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A.

HALL, Stuart, 1996, “Identidade Cultural na Diáspora”, em *Revista do Patrimônio Histórico*

e Artístico Nacional. nº 24:68-75.

HANNERZ, Ulf, 1990, “Cosmopolitans and Locals in World Culture”, em Featherstone, M. (ed.). *Glibal Culture – Nationalism, Globalization and Modernity*. London. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications.

HANNERZ, Ulf, 1996, “Sophiatown: The View from Afar”, em BARBER, K. (org.), *Readings in African Popular Culture*. Bloomington: Indiana University Press, 164-170.

LAPLATINE, François, 2003, *Aprender Antropologia*. Tradução: Marie-Agnès Chauvel; prefácio: Maria Isaura Pereira Queiroz. São Paulo. Ed Brasiliense.

LARIAIA, Roque de Barros, 2001, *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed., 1932- 1.331c . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LATOUR, Bruno, 2012, *Reagregando o Social: Uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba. Bauru. São Paulo: Edusc.

LECHNER, Elsa, 2015, “Pesquisa Colaborativa: Contributo a partir de um trabalho com imigrantes na cidade de Coimbra”, em *Revista da FAEEDA – Educação e Contemporaneidade*. Salvador, v. 24, n. 44, p. 223-231, jul./dez. 2015

LÉVI-STRAUSS, Claude, 1981, *Tristes Trópicos*. Lisboa/São Paulo, Ed. 70/Martins Fontes.

LUNDBERG, Dan, 2010, “Música como marcador de identidade: individual vs. Colectiva”. Em Côrte-Real, Maria de São José (org.), *Revista Migrações - Número Temático Música e Migração*. Outubro 2010, n.º 7, Lisboa: ACIDI, pp. 27-41.

MACHADO, Fernando Luís, 1997, “Contornos e especificidades da imigração em Portugal”. Em *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº 24: pp. 9-44.

MACHADO, Igor José de Renó, 2009, *Cárcere Público: processos de exotização entre brasileiros no Porto*. 1ª Edição. Imprensa de Ciências Sociais/Lisboa.

MALHEIROS, Jorge, 2007, *Imigração Brasileira em Portugal*. Edição: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I. P.) Lisboa.

MARCUS, George E, 1995, “Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”, em *Annual Review of Anthropology*, Vol. 24. pp. 95-117.

MORIN, Edgar, 1962, *Cultura de Massas no Século XX (O espírito do tempo)*. Editora Forense. Rio de Janeiro – São Paulo.

PADILLA, Beatriz, 2007, “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise”, em Jorge Macaísta Malheiros (org.) *Imigração Brasileira em Portugal*. Edição: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. p 113- 134.Lisboa.

PINTO, Tiago de Oliveira, 2001, “Som e música. Questões de uma Antropologia Sonora”, em

Revista de Antropologia, São Paulo, USP, V. 44 n° 1.

PORTES, Alejandro, 1999, *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras, Celta.

PORTES, Alejandro, 2008, “Migration and Social Change: Some Conceptual Reflections”, em *Conference on Theories of Migration and Social Change*. Oxford University, July 1st-3rd.

QUINTAIS, Luis, 2009, *Cultura e Cognição*. Coimbra: Agelus Novus.

ROCHA, Fabrício Dias da, 2010, *Estudantes brasileiros em Coimbra: Um estudo sobre (re)construções de identidades em contexto de emigração*. Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social e Cultural na Universidade de Coimbra.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, e Neide Almeida FIORI, 2009, “Migrações entre Portugal e Brasil: Reciprocidade de Preferências, 1908 – 1945”, em Beatriz PADILLA e Maria XAVIER (org.) *Revista Migrações, n° 5, Migrações entre Portugal e América Latina*. Presidência do Conselho de Ministros. ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P. Rua Álvaro Coutinho, Lisboa – Portugal.

SAID, Edward, 1990, *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das letras.

SCHECHNER, Richard, 1982, *From Ritual to Theatre*. New York, Performing Arts.

SCHWAB, Raymond, 1984, *The Oriental Renaissance: Europe's Rediscovery of India and the East, 1680–1880*. New York: Columbia University Press.

SEEGER, Anthony, 1974, *Nature and Culture and Their Transformations in the Cosmology and Social Organization of the Suyá, a Ge-Speaking Tribe of Central Brazil*. Chicago: University of Chicago, 420 p.

SEEGER, Anthony, 1987, *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Cambridge University Press. 147 p.

SEEGER, Anthony, 2003, *A Tropical Meditation on Comparison in Ethnomusicology: A Metaphoric Knife, a Real Banana, and an Edible Demonstration*. *Yearbook for Traditional Music*, Chicago, v. 34, p. 187-192.

SEEGER, Anthony, 2004, “Traditional Music Ownership in a Commodified World”, em Simon FRITH e Lee MARSHALL (Orgs.) *Music and Copyright*. Second Edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 157-171.

SEGURA, Luísa, 2013, “Variedades geográficas da língua portuguesa”, em *Gramática do Português*, Volume 1. Org Eduardo Raposo. Ed FCG.

SMALL, Christopher, 1998, *Musicking. The Meaning of Performing and Listening*. London: Wesleyan UP.

VERTOVEC, Steven, 1999, “Conceiving and Researching Transnationalism”, em “*Ethnic and Racial Studies*. Nº 2: Vol. 22.

VIANNA, Hermano, 2000, *Internet ou o atoleiro virtual de porcarias*. São Paulo: Folha de São Paulo, 09 de Janeiro.

WEBER, Max, 1998, *Sociologie de la musique*. Paris: Éditions Métailié.

WILLIAMS, Raymond, 1999, “The Bloomsbury Fraction”, em *Problems and Materialism and Culture*. Verso Editions, London.

Dados dos Interlocutores/Entrevistados

Data da entrevista - Nome, cidade que nasceu (Estado/País), idade. Atividade.

* Todas as entrevistas foram realizadas em 2016

21 de Março – Gustavo da Silveira Flores, Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil), 33. Advogado, músico e aluno do doutoramento em Direito na UC.

22 de Março – Helio Santana, Vitória (Espírito Santo/Brasil), 46. Músico.

22 de Março – Hugo Cunha, Coimbra (Portugal), 39. Professor de capoeira, músico (voz, cavaquinho e pandeiro) e formado em antropologia.

31 de Março – Anna Medrado, Belém (Pará/Brasil), 23. Advogada, estudante de Mestrado em Direito UC.

31 de Março – (Dona) Rosa Maria Ferreirinha, Portugal, 69. Proprietária do Bar RS.

05 de Abril – Leonardo Pereira de Oliveira, Teófilo Otoni (Minas Gerais/Brasil), 33. Músico (cantor).

06 de Abril – Janina Suarez Pizónn, Guayaquil (Equador), 35. Jornalista e Doutoramento em Sociologia/CES/UC.

06 de Abril – Jamerson Moura, Recife (Pernambuco/Brasil), 35. Professor e aluno de doutoramento.

08 de Abril – Ludmila Correia, Vitória da Conquista (Bahia/Brasil), 37. Professora universitária (Direito) e intercâmbio no doutoramento da UC.

08 de Abril – Fernando Turchetto Filho, Goiânia (Goiás/Brasil), 29. Advogado, músico e estudante do mestrado em Direito na UC.

10 de Abril – Celso Meireles, Belo Horizonte (Minas Gerais/Brasil), 47. Músico (Voz e violão).

11 de Abril – João Machado, Coimbra (Portugal), 26. Músico (Bateria).

12 de Abril - Adriana Moro, Mafra (Santa Catarina/Brasil), 32. Enfermeira (doutoramento CES/UC)

24 de Abril – Esperança Peixoto, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil), 32. Professora (doutoramento).

24 de Abril – Luciano Amorim Junior, Salvador (Bahia/Brasil), 32. Trabalha em bares, Dj e estudante de mestrado em Biotecnologia.

29 de Abril - Alexandre Pinto, Coimbra (Portugal), 24. Estudante de Mestrado em Eng Informática.

03 de Maio – Boaventura Monjane, Matola (Moçambique), 32. Jornalista, doutoramento CES/UC.

ROTEIROS UTILIZADOS NAS ENTREVISTAS



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Roteiro de entrevistas

Público não-brasileiro

Esta é uma gravação que será utilizada na dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural da Universidade de Coimbra. Você permite o uso de trechos para contribuir com o trabalho?

1. Qual o seu nome, idade e cidade que nasceu?
2. Qual a sua atividade de estudo ou trabalho?
3. Quais os locais que você encontra mais brasileiros?
4. Já foste ao Brasil? Como são as festas de lá e as festas brasileiras daqui?
5. Quais os teus motivos para participar de uma festa brasileira?
6. Qual a tua opinião sobre a música brasileira que é tocada aqui?
7. Consegues diferenciar os brasileiros das outras nacionalidades?
8. O que é para si um “brasileiro”?
9. Sobre o público brasileiro: tu enxergas alguma diferença entre as regiões de origem?
10. Quais os estilos musicais brasileiros que mais gostas e os que menos gostas?
11. Queres chamar a atenção para algo curioso ou importante que a gente não falou para as pessoas que vão ler esse trabalho?

Fim



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Roteiro de entrevistas - Profissionais da música.

Esta é uma gravação que será utilizada em uma dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural da Universidade de Coimbra. Você permite o uso desta entrevista para contribuir com o trabalho?

1. Qual o seu nome, idade e cidade que nasceu?
2. Quando foi que surgiu a vontade de vir para Portugal?
3. Vieste para estudar ou trabalhar?
4. O que foi importante nessa decisão de vir: Tens família aqui, a língua, convite de amigos ou contactos profissionais?
5. Você trabalhava com música no Brasil? Como era o repertório lá?
6. Antes de vir, já pensavas em trabalhar com música aqui em Portugal?
7. Como é ser brasileiro em Portugal e qual o papel da música brasileira?
8. Como era a tua visão de música brasileira no Brasil e como é agora em Portugal?
9. Trabalhas com repertório mais voltado para música “cover” ou “autoral/de originais”?
10. No teu repertório: tens preferência em trabalhar com músicas da tua região?
11. Como tu enxergas o teu público: Mais brasileiros ou de outros países?
12. Tu enxerga diferença em uma festa com brasileiros ou uma festa para outras nacionalidades?
13. Como é a receptividade da música brasileira em português pelos não falantes da língua portuguesa?
14. Como é o tocar música brasileira com músicos de outras nacionalidades?
15. Como é a aceitação nas casas e bares que tu te apresentas?
16. Aqui em Coimbra (Portugal) já sofreste algum preconceito, de algum tipo?
17. Pretendes voltar para o Brasil?
18. Queres destacar algo que ainda não falamos e tu acha muito importante ressaltar para as pessoas que vão ler essa entrevista?



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Roteiro de entrevista

Músico não-brasileiro

Esta é uma gravação que será utilizada na dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural da Universidade de Coimbra. Você permite o uso desta entrevista para contribuir com o trabalho?

1. Qual o seu nome, idade e país que nasceu?
2. A quanto tempo trabalhas com música?
3. Tens outro emprego complementar?
4. Como aconteceu o teu contacto com a música brasileira e porque tocar?
5. Como é ser (nacionalidade) e tocar música brasileira?
6. Você vê alguma diferença entre as festas com música brasileira e as outras festas?
7. Como tu enxergas o teu público: Mais brasileiros ou de outros países?
8. Como é a receptividade da música brasileira cantada em português pelo público que não entende português?
9. Sobre o público brasileiro: Você enxerga alguma diferença entre as regiões?
10. Nas festas: Consegues diferenciar quem é brasileiro e quem não é?
11. Nestas festas: Como tu enxergas as pessoas de outras nacionalidades?
12. Já sofreste algum tipo de preconceito por ser português e tocar música brasileira?
13. Como tu enxerga o teu sotaque brasileiro e porquê?
14. Queres chamar a atenção para algo curioso ou importante que a gente não falou para as pessoas que vão ler esse trabalho?
15. Queres fazer alguma pergunta para mim?

Fim



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Roteiro de entrevistas

Público brasileiro.

Esta é uma gravação que será utilizada na dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural da Universidade de Coimbra. Você permite o uso de trechos para contribuir com o trabalho?

1. Qual o seu nome, idade e cidade que nasceu?
2. Qual a sua atividade de estudo ou trabalho no Brasil?
3. Quais os motivos que levaram escolher Coimbra para estudar?
4. Como é ser brasileiro(a) aqui em Coimbra?
5. Quais os locais onde encontras mais brasileiros?
6. No Brasil quais tipos de festa tu costumavas frequentar: sertanejo, rock, samba ou outro?
7. Aqui em Coimbra, quais os teus motivos para participar de uma “festa brasileira”?
8. Festa de música brasileira lá no Brasil é diferente das festas daqui?
9. Nestas festas, toca música do teu Estado ou Região?
10. Tu te identificas com as músicas que tocam nas festas?
11. Como é ser [naturalidade] aqui em Coimbra?
12. Sobre o público de outros países: consegues diferenciar quem é brasileiro e quem não é (Como?)
13. Sobre o público brasileiro: enxergas diferença entre pessoas de regiões diferentes?
14. Já sofreste ou presenciaste algum tipo de preconceito no ambiente de festa?
15. Pretendes voltar ao Brasil?
16. Queres chamar a atenção para algo curioso ou importante para as pessoas que vão ler esse trabalho e que a gente não falou?

Fim



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA VIDA

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Roteiro de entrevista

Trabalhadores de bares

Esta é uma gravação que será utilizada na dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural da Universidade de Coimbra. Você permite o uso de trechos para contribuir com o trabalho?

1. Qual o seu nome, idade e país que nasceu?
2. Você trabalha a quanto tempo em bares?
3. Como aconteceu o vosso contacto com o público brasileiro e a música brasileira?
4. Você vê alguma diferença entre as festas com música brasileira e as outras festas?
5. O que é para si um “Brasileiro”? Quais as características, positivas, negativas, etc?
6. Você considera o brasileiro um estrangeiro como as pessoas de outras nacionalidades?
7. Você consegue diferenciar os brasileiros das pessoas de outras nacionalidades?
8. Você enxerga diferença entre as pessoas de regiões diferentes do Brasil?
9. Você já sofreu ou presenciou algum tipo de preconceito por ser – nacionalidade – e tocar música brasileira?
10. Queres chamar a atenção para algo curioso ou importante que a gente não falou para as pessoas que vão ler esse trabalho?

Fim